



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS (DCH) - CAMPUS VI
COLEGIADO DE HISTÓRIA

RUTE MACEDO PEREIRA

**“PELA ALMA DE JOÃO”: MEMÓRIA E ATUAÇÃO CULTURAL NA COMUNIDADE DE
RAPADURA-TANQUE NOVO-BA.**

CAETITÉ-BAHIA

2025

RUTE MACEDO PEREIRA

**“PELA ALMA DE JOÃO”: MEMÓRIA E ATUAÇÃO CULTURAL NA
COMUNIDADE DE RAPADURA-TANQUE NOVO-BA.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à disciplina Pesquisa Histórica IV, na Universidade do Estado da Bahia – campus VI, Departamento de Ciências Humanas, com vistas à obtenção da graduação de Licenciatura em História.

Orientação: Prof. Dr. Nivaldo Osvaldo Dutra.

CAETITÉ-BAHIA

2025

RUTE MACEDO PEREIRA

Pela Alma de João: Memória e Atuação Cultural na Comunidade de Rapadura.

Aprovada em 16 de dezembro 2025, com nota **10,0**

Nivaldo Osvaldo Dutra



Doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
Professor Titular da UNEB/Campus VI – (Orientador)

Documento assinado digitalmente

Lielva Azevedo Aguiar



LIELVA AZEVEDO AGUIAR

Data: 27/12/2025 10:47:14-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Doutora em História Social pela Universidade Federal da Bahia - (UFBA)
Professora Assistente da UNEB/Campus VI – (Membro interno)



Leila Maria Prates Teixeira Mussi

Mestra em História Regional Pela Universidade do Estado da Bahia-
Professora Assistente-UNEB/Campus V- (Membro interno)

Dedico este trabalho ao Verbo que se fez carne, que caminhou comigo por cada passo destes cinco anos, que me sustentou nos dias de cansaço e me impediu de desistir. Àquele que, sendo Senhor de trilhões de estrelas, ainda assim me conhece e me chama pelo nome. É ele que me fortalece e me dá coragem para continuar a cada novo amanhecer.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me permitido chegar até aqui e por ter sustentado minha caminhada ao longo de todos esses anos de graduação.

Manifesto também minha profunda gratidão à minha família. Aos meus pais, José Maria Pereira e Zenaide Francisca Macedo, e aos meus irmãos e irmãs, pelo apoio constante. Dirijo um agradecimento especial à minha mãe, minha maior incentivadora e rede de apoio, pelas palavras de encorajamento, pelas orações, pelo cuidado diário e por todas as pequenas ações, que tornaram essa jornada mais leve. Ao meu pai, agradeço pela compreensão e paciência nas noites em que precisei estender os estudos, mesmo quando a luz acesa atrapalhava seu descanso.

Agradeço, ainda, à minha avó Aparecida Francisca, por ter me acolhido em sua casa durante os quatro anos de faculdade, e à minha tia e madrinha Rosália Macedo, pelo cuidado e pela preocupação constante, esperando-me acordada nas noites em que retornava mais tarde.

Registro, com carinho, minha gratidão aos amigos que a UNEB me presenteou: Vitória Séfora, Hermínio, Nayra Poliana, Leilane e Maria Lucimaura. Obrigada pela parceria, pelas risadas, pelos momentos compartilhados e pela amizade sincera. Sou igualmente grata pelo apoio que sempre me deram nas apresentações, ajudando-me a lidar com a ansiedade e a acreditar mais em mim.

À UNEB, agradeço pela oportunidade de realizar o sonho de cursar História e por toda a formação que recebi. Estendo meus agradecimentos a todos os professores que contribuíram para minha trajetória acadêmica. De forma particular, à professora Lielva Azevedo Aguiar, por ter sido a primeira pessoa a acreditar no meu tema de TCC e incentivar sua continuidade, e ao professor Dr. Nivaldo Osvaldo Dutra, pela orientação atenta, pela confiança e pelo apoio dedicado ao longo da pesquisa.

Por fim, agradeço a todos que, de maneira direta ou indireta, contribuíram para a realização deste trabalho. Cada gesto, palavra, lembrança, entrevista ou colaboração ajudou a dar forma a esta pesquisa. Na história, nada se constrói sozinho: assim como a memória é um tecido coletivo, este trabalho também é fruto de muitas vozes que, generosamente, caminharam ao meu lado.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como propósito documentar e analisar a trajetória de João Silva Pereira, morador da comunidade de Rapadura, no município de Tanque Novo – BA, destacando sua influência cultural, religiosa e social na formação da identidade local. A pesquisa busca dar visibilidade a sujeitos que, apesar de exercerem papéis centrais na vida comunitária, costumam permanecer à margem da historiografia oficial. Para isso, foram utilizadas entrevistas, relatos orais, atas comunitárias, fotografias e demais registros preservados pelos moradores. Os resultados demonstram que João atuou como liderança comunitária, contribuindo significativamente para o fortalecimento das práticas culturais, religiosas e associativas da comunidade, por meio da criação do time de futebol, da filarmônica, da organização dos festejos do Sagrado Coração de Jesus, e da participação na construção da escola e da primeira igreja local. A análise, fundamentada na perspectiva da História Cultural, evidencia que as ações cotidianas de sujeitos comuns, como João, constituem elementos essenciais para compreender a dinâmica das culturas locais e a memória coletiva. Este trabalho também se dedica a registrar e preservar essas memórias para as futuras gerações da comunidade. Assim, esta pesquisa contribui para valorizar trajetórias individuais e reafirmar a importância da memória como patrimônio social e cultural da comunidade de Rapadura.

Palavras-chave: História Cultural; Memória; Liderança Comunitária; João Silva Pereira.

ABSTRACT

The purpose of this Final Course Project is to document and analyze the trajectory of João Silva Pereira, a resident of the Rapadura community in the municipality of Tanque Novo, Bahia, highlighting his cultural, religious, and social influence on the formation of local identity. The research seeks to give visibility to individuals who, despite playing central roles in community life, tend to remain on the margins of official historiography. To this end, interviews, oral accounts, community minutes, photographs, and other records preserved by residents were used. The results show that João acted as a community leader, contributing significantly to the strengthening of the community's cultural, religious, and associative practices through the creation of a soccer team, a philharmonic orchestra, the organization of the Sacred Heart of Jesus celebrations, and participation in the construction of the school and the first local church. The analysis, based on the perspective of Cultural History, shows that the daily actions of ordinary individuals, such as João, are essential elements for understanding the dynamics of local cultures and collective memory. This work is also dedicated to recording and preserving these memories for future generations of the community. Thus, this research contributes to valuing individual trajectories and reaffirming the importance of memory as the social and cultural heritage of the Rapadura community.

Keywords: Cultural History; Memory; Community Leadership; João Silva Pereira.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa do município de Tanque Novo	19
Figura 2: Ipê Amarelo	21
Figura 3: João e Carmerinda	24
Figura 4: Terras que João cultivava	27
Figura 5: João Pereira em São Paulo	28
Figura 6: Carta que João escreveu à sua esposa	29
Figura 7: Ata da Sociedade Esportiva	32
Figura 8: Campo de futebol da comunidade	35
Figura 9: Escola da comunidade.....	37
Figura 10: Primeira igreja da comunidade	39
Figura 11: Retábulo construído por João	41
Figura 12: Segunda igreja construída	42
Figura 13: Terceira igreja em construção.....	43
Figura 14: Nova igreja da comunidade.....	43
Figura 15: Interior da nova igreja	44
Figura 16: Corrida de bicicletas em 1973	46
Figura 17: Lista dos estudantes de música	47
Figura 18: Filarmônica criada por João	48
Figura 19: Filarmônica em procissão.....	49
Figura 20: Padre Aldo na comunidade.....	54
Figura 21: Participantes da quadrilha da Rapadura	57
Figura 22: Carreata de carros de bois	57

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Composição populacional da comunidade	22
Quadro 2 - Membros da administração do time	33
Quadro 3 - Nomes dos jogadores titulares e reservas	33

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	ENTENDENDO A HISTÓRIA CULTURAL.....	16
3	O ESPAÇO DA PESQUISA: TANQUE NOVO E A COMUNIDADE DE RAPADURA.....	18
3.1	As raízes da Rapadura.....	20
4	QUEM FOI JOÃO PEREIRA?	24
4.1	A Família de João.....	26
5	A LIDERANÇA DE JOÃO.....	31
5.1	A Sociedade Esportiva Rural do Batista.	32
5.2	A construção da primeira escola.....	35
5.3	A construção da primeira igreja da comunidade.	37
5.4	Os festejos do Sagrado Coração de Jesus.....	44
5.4.1	A filarmônica criada por João.	47
5.4.2	A missa do Sagrado Coração de Jesus.....	51
6	DEPOIS DE JOÃO.....	55
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.	59
	REFERÊNCIAS.....	61
	APÊNDICES	62
	ANEXOS	66

1 INTRODUÇÃO

A identidade de uma comunidade não se constrói apenas com as pessoas que nela vivem no presente, mas também com toda a sua ancestralidade, das histórias e das figuras que marcaram determinado espaço. Mesmo quando já não estão fisicamente entre nós, suas trajetórias continuam ecoando e moldando a forma como a comunidade se reconhece hoje. Falar sobre a história de uma comunidade é, portanto, destacar a importância da memória coletiva e da cultura popular, que, entrelaçadas, constituem pilares fundamentais para a construção da identidade de um povo. Assim, compreender a atuação de sujeitos que desempenharam papéis relevantes no contexto comunitário é também uma forma de preservar a memória social e valorizar as expressões da cultura local.

A comunidade de Rapadura¹ segue o exemplo de tantas outras que construíram sua identidade a partir do passado e da influência de seus antigos moradores. Situada no município de Tanque Novo, no estado da Bahia, Rapadura é uma comunidade rural que carrega consigo marcas do passado por meio de tradições transmitidas entre gerações e mantidas vivas até os dias atuais. Nesse cenário, destaca-se a atuação de João Silva Pereira, um homem negro, criado desde pequeno na comunidade, cuja participação esteve ligada ao fortalecimento de vínculos sociais e à consolidação de manifestações religiosas, musicais, esportivas e festivas. Entre suas iniciativas destaca-se o envolvimento, junto a outros moradores, na construção da primeira escola e da primeira igreja local, a propagação da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, ainda presente como referência religiosa, a criação de um time de futebol a Sociedade Esportiva Rural do Batista, além da organização de festejos populares e a formação de uma orquestra filarmônica que animava missas e celebrações. Tais ações se tornaram parte integrante do processo de construção cultural da comunidade de Rapadura.

A escolha deste tema justifica-se pela necessidade de documentar e dar visibilidade à história de sujeitos que, muitas vezes, permanecem ausentes da historiografia oficial. Além disso, sendo moradora da comunidade, percebi a importância de investigar mais profundamente as histórias e memórias locais, buscando compreender quem foi João Pereira e de que forma suas iniciativas se relacionaram com a formação da identidade da comunidade. Somado a isso, sou neta de João Pereira e, apesar de não o ter conhecido, sempre desejei saber mais sobre o meu avô e compreender, de fato, quem ele foi. Desta maneira, este trabalho pretende colaborar

¹ O nome da comunidade foi inspirado no ipê-amarelo, que já foi bastante abundante na região, seu nome científico é *Handroanthus Ocharaceu*, essa espécie geralmente está presente nos biomas: *Amazônia*, *Caatinga*, *Cerrado* e *Mata Atlântica*.

para a preservação da memória da comunidade de Rapadura, ao mesmo tempo em que busca contribuir para a valorização de trajetórias individuais que tiveram papel relevante no fortalecimento da cultura e das tradições de homens e mulheres do território.

O título deste trabalho, *“Pela alma de João”: memória e atuação cultural na comunidade de Rapadura- Tanque Novo- BA*, justifica-se pelo fato de que, após a sua morte, João não foi esquecido. Em reuniões, novenas e missas que aconteciam e que ainda acontecem na comunidade, as pessoas continuam fazendo preces pela alma de João, o que demonstra a importância que ele teve para a comunidade e o quanto ainda é lembrado, mesmo após muitos anos de seu falecimento.

Os documentos analisados foram atas da comunidade, que atualmente estão em posse de José Maria Pereira, filho de João Pereira, bem como fotografias pertencentes à esposa de João, Carmerinda Nunes de Jesus, além de fotografias de José Maria Pereira e de Tamires Silva Moreira, que é sobrinha-neta de Carmerinda.

As entrevistas foram realizadas com duas moradoras da comunidade, dona Zenaide Francisca Macedo e dona Izaura Silva Leão. A escolha das duas entrevistadas se justifica pelo fato de ambas terem convivido diretamente com João Pereira e, dessa forma, terem acompanhado de perto a sua atuação. As conversas ocorreram de forma presencial, em visitas às residências das entrevistadas, o que possibilitou um contato mais próximo com suas memórias e experiências. Durante os relatos, busquei compreender os aspectos da vida cotidiana da comunidade no período em que João Pereira atuava na comunidade, incluindo as dificuldades enfrentadas, como a seca e os problemas financeiros, bem como a maneira como os eventos religiosos, as missas e as festividades eram organizados. Esses momentos coletivos, além de fortalecerem os vínculos comunitários, constituíam formas de alívio e esperança diante das adversidades. Nesse contexto, também procurei compreender como as entrevistadas percebiam a atuação de João Pereira, tanto como organizador dessas práticas quanto como referência de liderança dentro da comunidade.

Destarte, a oralidade assume papel fundamental quando se busca compreender a história local, como no caso da comunidade de Rapadura. Muitas vezes, ela preserva uma riqueza de detalhes que as vezes só a documentação escrita não consegue registrar, oferecendo visibilidade a sujeitos quase invisíveis, que permanecem desconhecidos justamente por não estarem representados nos registros documentais tradicionais. Nesse sentido, Miranda (2005) destaca que a oralidade:

permite avaliar o cotidiano e o pensar do homem comum. Portanto, utilizamos como fonte principal os registros orais, através das falas dos depoentes, para darmos ênfase à rememoração, as reminiscências e ao cotidiano. São as

fontes orais que vão permitir incorporar sujeitos sociais, até então não representados nos documentos escritos (Miranda, 2005 p.2, apud Barros 2024, p.21).

Portanto, a valorização da oralidade como fonte histórica se torna fundamental para ampliar a compreensão do passado, permitindo que a experiência de sujeitos comuns seja incorporada à análise. Esse tipo de abordagem está em consonância com a perspectiva da História Cultural, ao reconhecer que a memória, as práticas cotidianas e os discursos dos indivíduos também são elementos constitutivos da cultura.

Dessa forma, a partir desse material, tanto das entrevistas quanto das atas e fotografias, busca-se compreender de que maneira a atuação de João Pereira se relacionava com aspectos religiosos, musicais, festivos e esportivos, além de observar como sua memória foi preservada ao longo dos anos e de que forma contribuiu para a construção da identidade cultural da comunidade. As análises serão feitas por meio do referencial teórico-metodológico da História cultural, pois segundo Barros (2003):

Ao existir, qualquer indivíduo já está automaticamente produzindo cultura, sem que para isto seja preciso ser um artista, um intelectual, ou um artesão. A própria linguagem, e as práticas discursivas que constituem a substância da vida social, embasam esta noção mais ampla de Cultura. “Comunicar” é produzir Cultura, e de saída isto já implica na duplicidade reconhecida entre Cultura Oral e Cultura Escrita (Barros, 2003, p.2).

Essa perspectiva apresentada por Barros amplia a compreensão de cultura ao reconhecê-la não apenas em manifestações artísticas ou intelectuais, mas também nas práticas sociais cotidianas que estruturam a vida em comunidade. A História Cultural, nesse sentido, oferece instrumentos para dar visibilidade a sujeitos que muitas vezes permanecem à margem da historiografia tradicional, como trabalhadores, camponeses, mulheres e demais grupos. Ao considerar a cultura em sua dimensão mais ampla presente na linguagem, nas tradições, nas crenças e nos modos de viver, torna-se possível analisar como práticas aparentemente simples são portadoras de significados profundos e de memórias coletivas². Essa abordagem permite, portanto, valorizar experiências comuns e compreender como elas se entrelaçam com os processos de construção da identidade social e cultural de diferentes comunidades.

² Aqui vale mencionar a figura de Maurice Halbwachs, importante sociólogo francês e pioneiro nas discussões sobre memória coletiva. Halbwachs nasceu em 1877 e faleceu em 1945, tornando-se amplamente conhecido por desenvolver o conceito de memória coletiva. Para o autor, a memória individual é moldada pelos grupos sociais, pelas estruturas e pelos contextos coletivos, como a família e as instituições, não se tratando, portanto, de um fenômeno puramente individual. Sua obra constitui referência fundamental para os estudos sobre memória no campo das ciências sociais.

Acerca da memória coletiva, é importante destacar ainda, que ela não se limita ao conjunto de lembranças individuais, mas constitui um patrimônio compartilhado, construído e reafirmado no interior dos grupos sociais. Nesse sentido, a memória torna-se um elemento fundamental para compreender como pessoas, eventos e práticas do passado permanecem vivos no presente por meio das interações sociais e das narrativas transmitidas entre as gerações. Como afirma Rios (2013):

“O indivíduo isolado não forma lembranças, ou pelo menos não é capaz de sustentá-las por muito tempo, pois necessita do apoio dos testemunhos de outros para alimentá-las e formatá-las”. (Rios, 2013, p.4)

Isso evidencia que lembrar é sempre um ato coletivo: dependemos do olhar do outro, dos relatos compartilhados e dos marcos simbólicos que a comunidade constrói para manter viva a própria história. Nesse mesmo sentido Halbwachs (2006, apud Rios 2013) reforça que:

“Recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação” (Halbwachs, 2006, p. 29, apud Rios 2013, p.4).

Assim, a memória coletiva opera como um mecanismo social de preservação, atualização e reconstrução das experiências vividas, permitindo que sujeitos como João Pereira permaneçam presentes no imaginário e na identidade da comunidade de Rapadura, mesmo após seu falecimento.

Diante do exposto, este trabalho foi estruturado em seis capítulos, subdivididos em seções e subseções, além das considerações finais. No Capítulo 1, correspondente à *Introdução*, apresentam-se os objetivos do estudo, a justificativa da escolha do tema e uma breve contextualização da comunidade de Rapadura, lócus da pesquisa, destacando-se também, de forma inicial, a figura de João Pereira enquanto liderança local.

O Capítulo 2, intitulado “*Entendendo a História Cultural*”, corresponde ao referencial teórico da pesquisa, no qual foram apresentados os principais autores que fundamentam a abordagem da História Cultural e suas contribuições para a análise da memória, das práticas culturais e das representações sociais.

No Capítulo 3, “*O espaço da pesquisa: Tanque Novo e a comunidade de Rapadura*”, realizou-se uma contextualização histórica do município de Tanque Novo, seguida de uma descrição detalhada da comunidade de Rapadura, contemplando características gerais, como população e aspectos socioculturais relevantes para a compreensão do ambiente pesquisado.

O Capítulo 4, “*Quem foi João Pereira?*”, apresenta de forma aprofundada a trajetória de João, sujeito central deste estudo, abordando sua origem, características pessoais e aspectos que contribuíram para sua projeção como liderança comunitária.

No Capítulo 5, “*A liderança de João*”, reuniu e analisou suas principais iniciativas na comunidade: a criação do time de futebol, sua participação na construção da primeira escola, a edificação da primeira igreja, a organização dos festejos do Sagrado Coração de Jesus, a formação da filarmônica e sua atuação nas celebrações religiosas. Esse capítulo buscou demonstrar a amplitude de sua influência no cotidiano comunitário.

Por fim, o Capítulo 6, intitulado “*Depois de João*”, trata de sua morte, dos impactos desse acontecimento sobre a comunidade e da forma como seus moradores ressignificaram essa perda, dando continuidade a muitas das ações iniciadas por ele e preservando sua memória ao longo do tempo.

Encerrando a estrutura, apresentam-se as considerações finais, nas quais é exposto os resultados obtidos nesta pesquisa.

2 ENTENDENDO A HISTÓRIA CULTURAL.

O debate em torno das transformações no campo da História começou a intensificar e ser difundido de forma mais ampla a partir da década de 1990³, no entanto já nas décadas anteriores era possível perceber sinais de mudanças significativas. Desde os anos 1970, e até mesmo um pouco antes, diversos acontecimentos políticos, sociais e culturais começaram a indicar uma ruptura no modo tradicional de compreender e produzir o conhecimento histórico. Esse processo não surge de forma isolada, mas está inserido em um contexto internacional marcado por crises, movimentos sociais e novas perspectivas teóricas que questionavam os paradigmas vigentes. Sobre isso, Pesavento (2003) afirma:

As alterações ocorridas no âmbito da História, porém datavam de bem antes, se levarmos em conta o panorama internacional. Podemos, talvez, situar os sintomas da mudança nos anos 1970 ou mesmo um pouco antes, com a crise de maio de 1968, com a guerra do Vietnã, a ascensão do feminismo, o surgimento da New Left em termos de cultura, ou mesmo a derrocada dos sonhos de paz no mundo pós-guerra. Foi quando então se insinuou a hoje tão comentada crise dos paradigmas explicativos da realidade, ocasionando ruptura epistemológicas profundas que puseram em xeque os marcos conceituais dominantes na História. (Pesavento, 2003, p. 8).

Dessa forma, esses acontecimentos, ao evidenciarem a instabilidade do mundo contemporâneo e a insuficiência das explicações tradicionais, colocaram os historiadores diante da necessidade de repensar suas ferramentas analíticas e suas bases conceituais. Já não bastava recorrer às grandes estruturas ou às interpretações unívocas da realidade; era preciso lidar com a complexidade, a diversidade de sujeitos e a pluralidade de experiências históricas.

A partir da chamada crise dos paradigmas, instaurou-se um período marcado pelo questionamento e até mesmo pelo “desmantelamento” das verdades que, até então, fundamentavam a História. Essa crise trouxe consigo uma descrença nas formas lineares de conduzir a narrativa histórica, ao revelar a insuficiência de modelos incapazes de explicar os fenômenos sociais em toda a sua complexidade. Nesse contexto de contestação e renovação, emergiu a necessidade de ampliar os objetos de estudo e adotar novas linguagens, favorecendo investigações mais atentas às práticas sociais, às manifestações culturais e às diversas formas de memória que escapavam às explicações tradicionais.

Desse movimento resultou a abertura para a construção de outros paradigmas e de novas formas de se pensar e escrever a História, o que possibilitou o surgimento da chamada História

³ Vale destacar que as discussões acerca da história cultural, em nível internacional, encontram-se atualmente bastante avançadas.

Cultural. Esse campo que, segundo Pesavento (2003), corresponde hoje a cerca de 80% da produção historiográfica, estando presente em múltiplos espaços, como livros, artigos científicos, apresentações de trabalhos, simpósios, congressos, teses e dissertações concluídas ou em andamento nas universidades brasileiras.

O foco da História Cultural é compreender como os sujeitos constroem e compartilham significados sobre o mundo, analisando as representações e práticas que expressam essas formas de pensar e viver. Nesse sentido, Chartier (1988) afirma que:

A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. (Chartier, 1988, p. 16).

Essa concepção evidencia que a História Cultural não se limita ao estudo dos acontecimentos em si, mas procura entender como as realidades sociais são percebidas e representadas pelos indivíduos e grupos em seus contextos históricos.

De modo complementar, Barros (2003) define a História Cultural como o campo historiográfico dedicado ao estudo dos “mecanismos de produção dos objetos culturais” em determinado contexto social. Esses objetos não se limitam às obras-primas oficialmente reconhecidas, mas abrangem quaisquer manifestações culturais produzidas pela sociedade. Práticas cotidianas, expressões populares, tradições orais, festas, rituais, músicas ou até mesmo objetos comuns do dia a dia podem se tornar fontes legítimas de análise histórica. Essa perspectiva amplia a compreensão do passado, pois permite enxergar a cultura não apenas como algo erudito ou restrito às elites, mas como um espaço plural, no qual diferentes grupos sociais participam ativamente da construção de sentidos e significados.

A partir do que foi discutido, é possível relacionar essa perspectiva à realidade da comunidade de Rapadura e à atuação de João Pereira como liderança local. Ao reconhecer que todos os indivíduos são produtores de cultura, entende-se que as ações de João, ao organizar festejos, construir espaços religiosos, incentivar a música e promover momentos de convivência comunitária, representam formas legítimas de expressão cultural e de construção de identidade coletiva. Cada uma dessas práticas carrega significados que ultrapassam o simples ato de organizar eventos, pois refletem modos de pensar, sentir e viver daquela comunidade. Assim, a História Cultural se mostra essencial para compreender a importância simbólica dessas ações e o papel de João Pereira na preservação e fortalecimento das tradições e memórias dos moradores da comunidade de Rapadura.

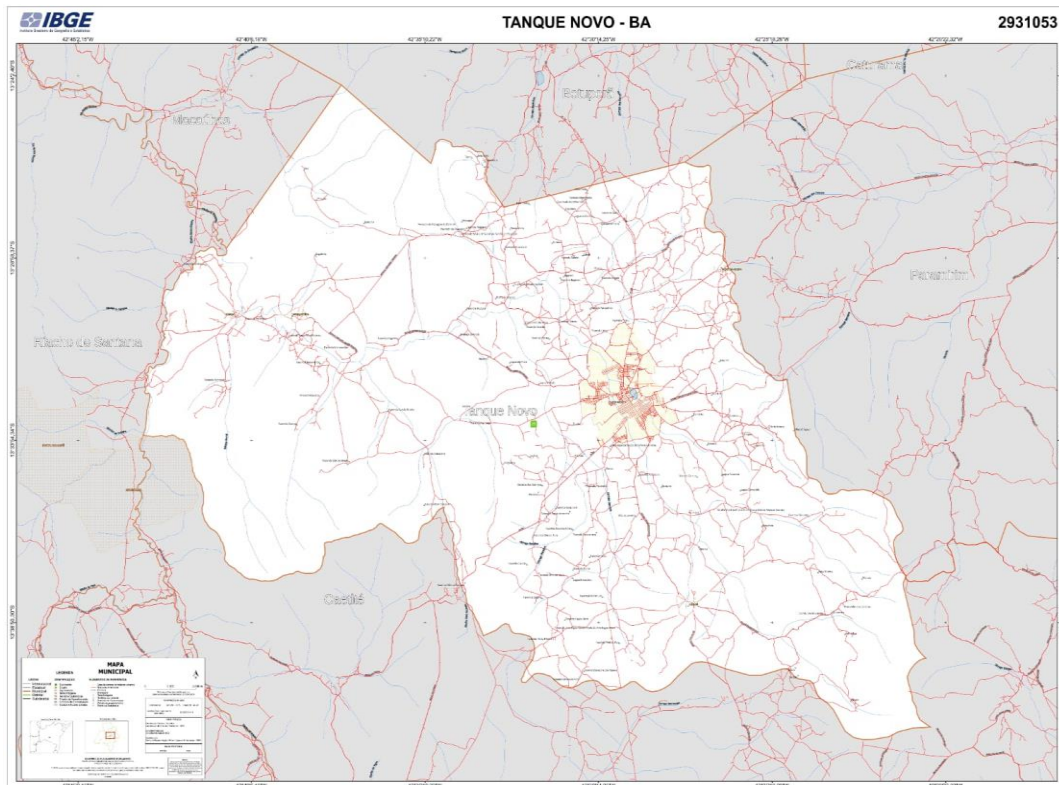
3 O ESPAÇO DA PESQUISA: TANQUE NOVO E A COMUNIDADE DE RAPADURA

Como já mencionado na introdução deste trabalho, a comunidade de Rapadura é uma comunidade rural pertencente ao município baiano de Tanque Novo. Antes de adentrarmos propriamente na história da comunidade de Rapadura, que é o *locus* desta pesquisa, é importante conhecer um pouco sobre a cidade de Tanque Novo, seu contexto histórico e suas características regionais.

Tanque Novo é um pequeno município da Bahia, localizado na região centro-sul do estado, no Sudoeste baiano, próximo à Chapada Diamantina. Está a aproximadamente 766 km da capital Salvador e possui, segundo o Censo Demográfico do IBGE de 2022, uma população de 17.158 habitantes. O território do município abrange 729,516 km² e integra a área de identidade denominada “Sertão Produtivo⁴”, que reúne municípios com potencialidades voltadas à mineração e à agricultura familiar. Tanque Novo faz parte desse território junto com outros 19 municípios baianos, sendo eles: Brumado, Caculé, Caetité, Candiba, Contendas do Sincorá, Dom Basílio, Guanambi, Ibiassucê, Ituaçu, Iuiú, Lagoa Real, Livramento de Nossa Senhora, Malhada de Pedras, Palmas de Monte Alto, Pindaí, Rio do Antônio, Sebastião Laranjeiras, Tanhaçu e Urandi. A Figura 1 apresenta o mapa do município de Tanque Novo.

⁴ Território de identidade localizado no estado brasileiro da Bahia

Figura 1: Mapa do município de Tanque Novo



Fonte: <https://share.google/O0EAyzkA97cvuRGw4>

A cidade de Tanque Novo faz divisa com alguns municípios baianos, como: Botuporã, Paramirim, Livramento de Nossa Senhora, Caetité, Igaporã e Macaúbas. Tanque Novo é um município relativamente novo no que diz respeito à sua emancipação política, a qual ocorreu em 25 de fevereiro de 1985. Ou seja, trata-se de uma cidade relativamente jovem, com apenas quatro décadas de autonomia administrativa. Antes de alcançar a categoria de município, Tanque Novo já esteve subordinado a cidade de Macaúbas e posteriormente Botuporã, condição esta que manteve até conquistar sua independência político-administrativa.

Grande parte da população tanquenovense⁵ tem na agricultura familiar sua principal fonte de subsistência e renda, atividade que também representa um importante traço da identidade local. O cultivo de alimentos como feijão, milho e mandioca é bastante expressivo, assim como a criação de animais, sobretudo gado e suínos. Além dessas atividades, uma parcela significativa da população masculina encontra ocupação no comércio, trabalhando em lojas e supermercados, ou na construção civil, exercendo funções de pedreiros e ajudantes de pedreiro. Já em relação à população feminina, observa-se que muitas encontram ocupação profissional

⁵ Gentílico utilizado para se referir aos habitantes de Tanque Novo.

nas escolas, por meio de contratos com a prefeitura, bem como atuando como babás, empregadas domésticas ou funcionárias de supermercados e estabelecimentos comerciais em geral.

No que se refere às tradições culturais e religiosas, Tanque Novo apresenta manifestações que expressam a força da religiosidade popular e da cultura sertaneja. Destacam-se, entre elas, as tradicionais festas de São João, realizadas no mês de junho, e os festejos em honra ao Imaculado Coração de Maria, padroeira do município ocorridos durante o mês de maio. Tais celebrações constituem eventos de grande relevância social e econômica, pois, além de fortalecerem as tradições do município, também movimentam o comércio local e o turismo. Visto que, nesse período, é comum o retorno de indivíduos que residem em outros estados, especialmente em São Paulo, para participar das festividades, o que contribui para a dinamização da economia local e reafirma o vínculo afetivo e cultural existente entre os tanquenovenses que vivem em outros estados e sua terra natal.

3.1 As raízes da Rapadura.

A comunidade de Rapadura é uma das localidades rurais mais próximas da sede do município de Tanque Novo, situada a aproximadamente 3 km da cidade. Faz divisa com o bairro Rapadura⁶ que, curiosamente, leva o mesmo nome da comunidade, com o povoado de Carreiras, a comunidade de Fazenda e a comunidade de Manoel Correia.

Uma das grandes peculiaridades da comunidade é o seu nome: Rapadura. Durante muitos anos, nem mesmo alguns de seus próprios moradores sabiam explicar a origem dessa denominação. Diante disso, realizei uma pesquisa de campo, dialogando com os moradores mais antigos, com o intuito de compreender as possíveis origens desse nome tão característico. A partir dessas conversas, foi possível identificar duas versões principais.

A primeira narra que, em tempos passados, teria existido um morador que possuía um pequeno engenho responsável pela produção de rapaduras. Assim, o local teria passado a ser conhecido por esse nome em referência à atividade desenvolvida. Já a segunda versão, a mais recorrente entre os moradores mais velhos, aponta que a denominação “Rapadura” surgiu devido à grande presença de uma árvore de flores amarelas muito bonitas, popularmente

⁶ A escolha do nome do bairro Rapadura justifica-se pela proximidade com a comunidade de Rapadura, da qual herdou o mesmo nome, uma vez que ambos estão localizados muito próximos um do outro. Com o tempo e o crescimento de ambos, é possível que venham a se integrar.

chamada de “Rapadureiro⁷”. Essa árvore, na realidade, corresponde a uma espécie de ipê-amarelo⁸ (*Handroanthus Ocharaceu*), árvore nativa brasileira e de ampla ocorrência em diversas regiões do país. A Figura 2 exhibe essa espécie de Ipê amarelo.

Figura 2: Ipê Amarelo



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

Até cerca de uma década atrás, era comum encontrar numerosos exemplares de ipê-amarelo na comunidade, especialmente durante o período de floração, após as primeiras chuvas, quando o amarelo intenso das flores se destacava na paisagem local. No entanto, com o avanço do desmatamento motivado, sobretudo, pela formação de pastos destinadas à criação de gado e à abertura de loteamentos, reduziu consideravelmente a presença dessa espécie. Atualmente, os ipês são encontrados apenas em alguns terrenos onde a vegetação original foi preservada, tornando-se cada vez mais raros, principalmente na área central da comunidade.

Desse modo, não é possível afirmar com precisão qual das duas versões sobre a origem do nome “Rapadura” corresponde à realidade histórica, uma vez que não foram consultados registros documentais que comprovem alguma delas. O que se mantém, entretanto, são as memórias e narrativas orais transmitidas de gerações em geração por alguns moradores.

⁷ Nome popular dado ao Ipê Amarelo

⁸ Árvore nativa brasileira

Já no que diz respeito à população local, esta é composta, em sua maioria, por adultos e crianças, havendo um número menor de adolescentes e idosos. No total, a comunidade conta com 137 habitantes. No Quadro 1 apresentado a seguir, é possível observar a distribuição dos moradores por faixa etária, o que permite ter uma visão geral sobre a composição populacional da comunidade.

Quadro 1 - Composição populacional da comunidade

Faixa etária	Número de habitantes
Adultos	78
Adolescentes	10
Crianças	29
Idosos	20
Total	137 habitantes

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

A maior parte da população da comunidade é composta por trabalhadores que exercem diferentes ocupações na cidade de Tanque Novo. Entre os homens, observa-se que a maioria atua na construção civil, especialmente como ajudantes de pedreiro. No que se refere às mulheres, muitas atuam como funcionárias nas escolas de Tanque Novo ou como empregadas domésticas. Outras não exercem atividades laborais fora de casa, dedicando-se integralmente à criação dos filhos e aos cuidados da propriedade, como o cultivo de hortaliças e a criação de pequenos animais, a exemplo de galinhas e porcos. Apenas uma pequena parcela dos moradores ainda se dedica à agricultura familiar ou à criação de animais, atividades que são desenvolvidas principalmente como forma de complementar a renda.

Vale destacar, que a comunidade de Rapadura é composta por indivíduos oriundos de diversas regiões, incluindo a cidade de Iuiu, bem como o povoado de Carreiras e a comunidade de Jacinta.

No que se refere à infraestrutura local, a comunidade não dispõe de posto de saúde nem de escola em funcionamento. Anteriormente, existia uma pequena unidade escolar que atendia às crianças da comunidade, porém, segundo informações da Secretaria Municipal de Educação de Tanque Novo, a escola foi desativada em 2012 devido ao número reduzido de alunos. Atualmente, o antigo prédio escolar, embora apresente condições estruturais precárias, ainda é utilizado ocasionalmente pelos moradores para atividades coletivas, como reuniões do

ASAMIL⁹ (Associação do Semi- Árido da Microrregião de Livramento) e do Agroamigo¹⁰, um programa de microcrédito do governo federal, além de servir de apoio durante os festejos comunitários, como a festa junina e a carreata de carros de bois¹¹ que ocorre no mês de setembro. Ainda assim, o espaço carece de uma reforma urgente, pois a comunidade reconhece seu valor simbólico e funcional e sonha em vê-lo restaurado para que volte a atender de forma adequada às suas necessidades sociais e culturais.

⁹ Associação do Semi- Árido da Microrregião de Livramento, uma Organização da Sociedade Civil (OSC) sediada em Livramento de Nossa Senhora, Bahia. Sua atuação se dedica ao desenvolvimento social e econômico do semiárido.

¹⁰ Programa de microcrédito rural para agricultores familiares, pecuaristas, pescadores, indígenas, quilombolas e extrativistas, que visa oferecer crédito orientado e investimento em suas propriedades.

¹¹ A carreata de carros de bois é um evento cultural e tradicional em várias regiões do Brasil, especialmente no interior, celebrando a identidade rural e a fé. A maior e mais famosa ocorre em Trindade, Goiás.

4 QUEM FOI JOÃO PEREIRA?

João Silva Pereira nasceu em 26 de junho de 1930, no município de Botuporã, Bahia, mas viveu a maior parte de sua vida em Tanque Novo, especificamente na comunidade de Rapadura. Faleceu em 10 de Janeiro 1983. Era filho do senhor Joaquim Raimundo dos Santos e da senhora Ana Rosa de Jesus, ambos moradores da mesma comunidade e já falecidos há muitos anos. O casal teve cinco filhos: Pedro, Luís, Raulindo, João e Maria. Desses, apenas Maria ainda vive, residindo atualmente no estado de São Paulo.

João Pereira casou-se com Carmerinda Nunes de Jesus, natural da comunidade de Tamburil. Após o matrimônio, o casal partiu para o estado de São Paulo e passou a residir na cidade de Marília. Foi lá que tiveram sua primeira filha, Maria Aparecida. O casal viveu nesse local por aproximadamente cinco anos e, em seguida, retornou para a Bahia, fixando residência na comunidade de Rapadura, onde João construiu sua casa no terreno de seus pais.

Com o passar do tempo, seus filhos também edificaram suas próprias moradias ao redor, contribuindo para a formação do que viria a ser o centro da comunidade, local onde, posteriormente, foram construídos o campo de futebol e a igreja. A ilustração na Figura 3, mostra o casal João e Carmerinda.

Figura 3: João e Carmerinda



Fonte: Arquivo pessoal de Tamires Silva Moreira.

Da união de João e Carmerinda nasceram seis filhos: Maria Aparecida, Ozelinda, Aparecida de Fátima, José Maria, Maria Lúcia e Terezinha. Para garantir o sustento da família, João trabalhava em São Paulo como pedreiro, permanecendo longos períodos afastado de casa. Ainda assim, fazia questão de retornar à comunidade em momentos especiais, especialmente durante os festejos religiosos que ajudava a organizar.

Além de exercer a profissão de pedreiro, por meio da qual sustentava sua família, João Pereira desempenhou diversas outras atividades que o tornaram uma figura de destaque na comunidade de Rapadura. Entre essas funções, destacava-se o trabalho como alfaiate, confeccionando ternos, uniformes esportivos, vestimentas para o grupo de canto da igreja, entre outras peças.

Outro papel assumido por João foi o de professor particular e posteriormente o de professor leigo na primeira escola da comunidade. Embora não possuísse formação superior nem tivesse concluído o ensino secundário, ele dominava a leitura e a escrita, um conhecimento bastante valorizado naquele contexto histórico, já que a maioria das pessoas estudava apenas até a quarta série. Mesmo havendo, no então distrito de Tanque Novo, escolas como o *Grupo Escolar Raquel Pereira*¹², muitos pais não permitiam que os filhos, sobretudo as meninas, frequentassem as aulas na cidade. Assim, era comum que contratassem alguém alfabetizado para ensinar as crianças, e foi nesse cenário que João passou a dar aulas particulares.

As aulas ocorriam em sua própria residência ou em espaços abertos próximos. O ensino era voltado para o aprendizado básico da leitura, escrita e cálculos simples, e os encontros duravam apenas alguns meses, até que os alunos alcançassem o nível considerado suficiente. Embora sem caráter formal, essa prática contribuiu para a difusão do conhecimento elementar entre as crianças da comunidade.

Além dessas ocupações, João também se envolveu em atividades culturais e religiosas. Atuou como músico e maestro de uma filarmônica criada por ele, além de compor uma canção em homenagem ao *Sagrado Coração de Jesus*¹³, padroeiro da comunidade. João também teve participação direta na construção da primeira igreja local sendo um dos principais responsáveis pela mobilização que resultou nessa edificação, dentre outras atuações.

A partir desse contexto, torna-se possível compreender a amplitude das contribuições de João Pereira para a comunidade de Rapadura. Nos tópicos a seguir, serão abordados de forma

¹² Instituição escolar de ensino infantil e fundamental localizada em Tanque Novo, Bahia.

¹³ Devoção católica que representa o amor infinito de Deus pela humanidade.

mais detalhada alguns desses aspectos, como sua atuação na construção da igreja, na criação da filarmônica e nas várias iniciativas que expressam sua importância social, cultural e religiosa para a comunidade.

4.1 A Família de João

João Pereira constituiu uma família numerosa, embora não tão grande quanto a de muitas famílias de sua época, que comumente possuíam mais de dez filhos. Mesmo com seis filhos, ainda assim, sua responsabilidade era significativa, o que exigia muito trabalho para garantir o sustento de todos. Essa necessidade justifica os longos períodos que João passava trabalhando em São Paulo, para onde se deslocava em busca de melhores condições financeiras, uma vez que, em Tanque Novo e nas regiões vizinhas, as oportunidades de emprego eram escassas e os salários, bastante reduzidos. Além disso, a seca recorrente representava um obstáculo adicional, tornando inviável a sobrevivência apenas com o que era produzido na terra. Na fala de uma das entrevistadas, a senhora Zenaide, moradora antiga da comunidade e que conheceu pessoalmente João Pereira, é possível perceber as dificuldades enfrentadas pela população local naquele período. Ela relata:

A vida aqui na comunidade era de sofrimento porque não tinha assim energia, não tinha assim, sei lá o pessoal buscava água na cabeça que era muito sofrimento aqui, porque não tinha luz, para fazer o evento mesmo era de lamparina, lampião que ele trazia de São Paulo, e era muito sofrimento aqui, ele fez mesmo porque ele era uma pessoa muito de Deus mesmo porque ele tinha vontade de construir a igreja, aí o pessoal foi juntando e ajudando ele, mas era de sofrimento, que a gente fazia as coisas no escuro, igual hoje tem a energia, mas antigamente não tinha nada disso. (MACEDO, Zenaide Francisca. Entrevista I. [fev. 2025]. Entrevistadora: Rute Macedo Pereira. Tanque Novo – Bahia, 2025. 1 arquivo .mp3 11 min)

A narrativa de Zenaide oferece um importante testemunho sobre o contexto social e material vivido pela comunidade naquele tempo. Sua fala evidencia a precariedade das condições de vida, a ausência de infraestrutura básica, como energia elétrica e abastecimento de água, e o quanto o cotidiano era marcado por limitações.

Dando continuidade, durante as ausências de João, a administração da propriedade ficava sob a responsabilidade de sua esposa, Carmerinda, e dos filhos. Eles cuidavam dos animais como gado, galinhas e porcos, que garantiam parte da subsistência familiar. A criação, no entanto, não tinha fins comerciais, sendo voltada quase prioritariamente para o consumo doméstico. A família também cultivava milho, feijão e mandioca, produtos essenciais tanto para a alimentação quanto para o sustento dos animais, além de hortaliças e algumas árvores

frutíferas. A Figura 4, registra as terras nas quais João e sua família desenvolviam as atividades agrícolas.

Figura 4: Terras que João cultivava



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

À época, o terreno ainda não pertencia formalmente a João, uma vez que seus pais ainda não haviam realizado a partilha oficial das propriedades. Contudo, devido à proximidade imediata da área em relação à residência do mesmo, bem como ao fato de seus pais possuírem uma quantidade significativa de terras, o uso cotidiano daquele espaço já estava, na prática, sob sua responsabilidade.

Atualmente, o terreno mostrado na imagem é trabalhado por seu filho, José Maria dando assim continuidade às atividades agrícolas desenvolvidas anteriormente por João pereira.

Já na Figura 5 apresentada abaixo, observa-se uma das raras imagens que registram as viagens de João Pereira ao estado de São Paulo. Nela, João aparece trajando terno e chapéu, ao lado de seu genro Albérico, de sua filha Aparecida e de seu neto Edmilson. O registro foi feito em frente à Basílica Histórica de Nossa Senhora Aparecida popularmente conhecida como Basílica Velha, localizada na cidade de Aparecida, no estado de São Paulo.

Figura 5: João Pereira em São Paulo



Fonte: Arquivo pessoal de Carmerinda Nunes de Jesus.

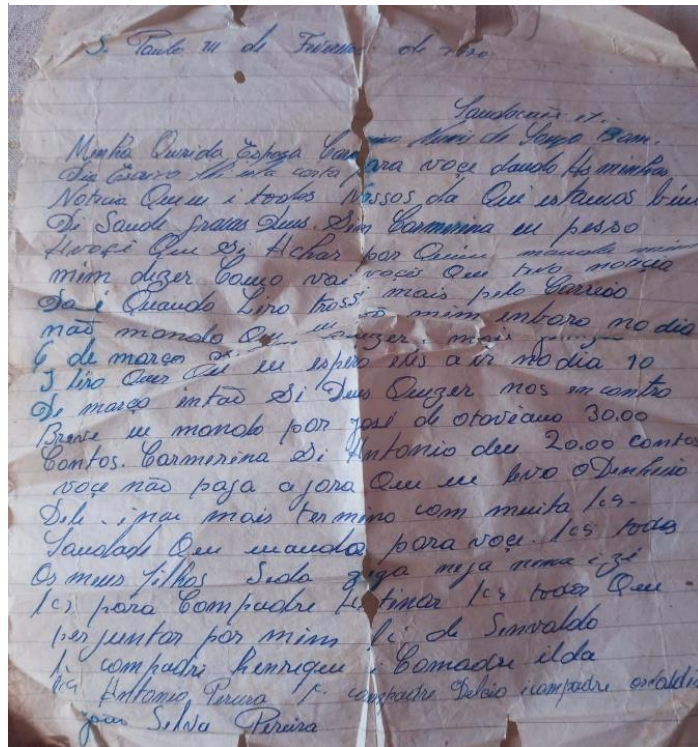
Vale destacar que, conforme consta em sua carteira de trabalho, João exerceu suas atividades profissionais sempre no município de São Paulo, atuando como pedreiro em diversas empreiteiras de mão de obra. Entre as empresas registradas em sua carteira estão: EDCON – Empreiteira de Mão de Obra Ltda.; ALJAN – Empreendimentos Imobiliários e Construções; Construtora Morais Ferreira Ltda.; CONSTRUTEC – Empreendimentos de Obras S/C Ltda.; e, por fim, a CONSTRUSERV – Serviços de Construção Ltda., onde realizou seu último vínculo profissional.

Como já mencionado, durante os períodos de estiagem severa era necessário buscar água a pé em tanques de outras comunidades, o que limitava a produção agrícola apenas aos meses chuvosos, geralmente entre novembro e abril, período popularmente conhecido como “as águas”. Assim, enquanto João trabalhava longe, sua esposa e seus filhos, mesmo ainda crianças e adolescentes, assumiam a árdua rotina do campo, dedicando-se a capinar, a plantar e a cuidar dos animais, principalmente durante os meses de seca, quando a atenção para com a criação precisava ser redobrada.

Naquele período, a cidade de Tanque Novo ainda não contava com energia elétrica, e a comunidade onde a família vivia só veio a receber esse benefício em 2008. Dessa forma, a

comunicação entre João e sua família acontecia por meio de cartas, único recurso possível para manter o contato à distância. A Figura 6 apresenta uma dessas correspondências, escrita por João e endereçada à esposa, esta foi preservada e é apresentada a seguir, servindo como um valioso registro da afetividade e da dedicação que marcavam sua relação familiar.

Figura 6: Carta que João escreveu à sua esposa



Fonte: Arquivo pessoal de José Maria Pereira.

S. Paulo 14 de fevereiro de 1970

Saudações

Minha querida esposa Carmerinda Nunes de Jesus Bom dia, escrevo lhe está carta para você dando as minhas notícia, Que eu i todos nossos da qui estamos bem de saúde graças a Deus. Sim Carmerinda eu pesso a você que si achar por quem manda mim dizer como vai vocês, que tivo notícia daí quando Liro trossi mais pelo correio não manda qui eu vô mim embora no dia 6 de março (parte inelegível)

I Liro quer que eu espero eles a ir no dia 10 de março então si Deus quiser nos encontro breve, eu mando por José Otaviano 30,00 contos. Carmerinda si Antônio deu 20,00 contos você não paga a Jora que eu levo o dinheiro dele, e no mais termino com muita saudade que eu ando para você todos.

Os meus filhos sida, Zeza, nega, nena i Zé .

Les (lembrança) para compadre Atinor e todos que perguntar por mim, para Sinvaldo, compadre Henrique, comadre Ilda, Antônio Pereira, compadre Delcio o compadre Osvadino.

João Silva Pereira.

A leitura dessa carta permite observar aspectos significativos das relações familiares e das condições de vida no período. Mesmo ausente, João demonstrava preocupação em manter

contato e enviar recursos financeiros para a família. Além disso, a linguagem simples e direta utilizada na carta reflete tanto o nível de escolarização dele, quanto o modo de comunicação comum entre trabalhadores de São Paulo e suas famílias naquela época.

Embora seus filhos o descrevam como um homem bom, João era lembrado também por sua rigidez, especialmente no que se refere à educação dos filhos. É importante, contudo, evitar anacronismos ao analisarmos essas práticas. No contexto social da época, a educação rígida era frequentemente associada a valores de disciplina e respeito, amplamente aceitos como parte do papel paterno. Da mesma forma, que os casamentos arranjados, como no caso das suas filhas Maria Aparecida, Aparecida de Fátima e Ozelinda, que tiveram seus casamentos arranjados¹⁴ por João, ou seja, naquele período essas práticas eram comuns e socialmente legitimadas. Assim, ao compreender João dentro de seu tempo e de sua realidade, é possível reconhecer tanto sua dedicação para com sua família quanto os traços culturais e sociais que moldaram suas ações e valores.

¹⁴ União em que os pais ou parentes escolhem um dos cônjuges.

5 A LIDERANÇA DE JOÃO.

Exercer qualquer tipo de liderança nunca é uma tarefa simples, tampouco algo que qualquer pessoa realiza com facilidade. Transformar ideias em ações concretas, buscar soluções e mobilizar um grupo em torno de um objetivo comum exige iniciativa e comprometimento. João Pereira possuía esse espírito inquieto e visionário, sendo reconhecido como um homem à frente do seu tempo.

É importante destacar que a figura do líder não está necessariamente associada à fama ou ao reconhecimento social amplo. Muitas vezes, a liderança se manifesta de forma local, no interior das comunidades, onde determinados indivíduos se tornam referências por sua capacidade de organizar, orientar e inspirar os demais. Liderar, portanto, vai além de ocupar uma posição de destaque; trata-se de assumir responsabilidades, tomar decisões em nome do grupo e conduzir os membros rumo a objetivos coletivos.

Como afirma Knickerbocker (1948, p. 140), “O líder, em cada caso, tem surgido através do exercício de certas funções em algum grupo, em algum lugar, em algum tempo”. Isso significa que a liderança emerge das necessidades específicas de um grupo ou comunidade. Quando não há uma figura que exerça esse papel, as decisões tornam-se dispersas, os debates se prolongam e a construção de consensos se torna mais difícil. A presença de uma liderança, por outro lado, contribui para a organização e o direcionamento das ações, permitindo que as demandas sejam articuladas de forma mais clara e eficaz. Ainda sobre isso Knickerbocker afirma que:

Na prática é difícil para um grupo falar ou agir exceto através de um de seus membros. Se todos falam ao mesmo tempo, ninguém pode ouvir ou prestar atenção. Se todos planejam ao mesmo tempo sem um plano, não existe um grupo, mas sim uma coleção de indivíduos planejando ou agindo. Para o grupo agir como uma unidade ou para apresentar uma organização, é necessário que alguém fale pelos membros individuais. (Knickerbocker, 1948, p.146)

Destarte, desde as decisões mais simples até as mais complexas, observa-se a necessidade da presença de uma liderança. Muitas vezes, essas pessoas não se reconhecem ou não se autodenominam como líderes, contudo, a liderança não está necessariamente vinculada ao título, mas sim às atitudes e à forma como cada indivíduo atua em determinado contexto. No âmbito comunitário, por exemplo, existem múltiplas expressões de liderança: desde o técnico de um pequeno time de futebol, o presidente de uma associação comunitária, o coordenador de um grupo local, até o organizador de festas juninas ou eventos religiosos. Assim, a liderança manifesta-se de diferentes formas e pode ser interpretada sob variadas perspectivas. Nesse sentido, João Pereira jamais se intitulou líder, tampouco foi formalmente reconhecido como tal

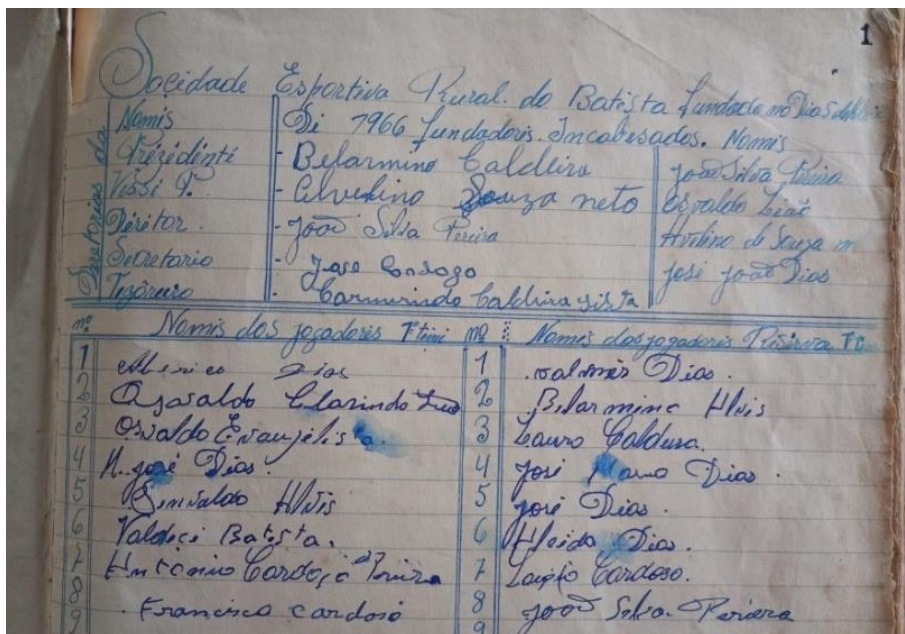
pelos que o cercavam; entretanto, ao analisar suas ações e o impacto delas na comunidade de Rapadura, torna-se evidente o seu papel de liderança. João esteve à frente de diversas iniciativas e sempre assumiu, ainda que de modo não intencional, a posição de guia e articulador nas atividades comunitárias.

5.1 A Sociedade Esportiva Rural do Batista.

João Pereira foi o idealizador da Sociedade Esportiva Rural do Batista, que foi o primeiro time de futebol da comunidade de Rapadura. Conforme registrado em ata, a criação dessa sociedade ocorreu em 5 de abril de 1966. Essa ata, inclusive, é o documento mais antigo entre as quatro que foram preservadas. A fundação do time de futebol marcou o início das iniciativas coletivas organizadas por João na comunidade, antecedendo inclusive a construção da primeira igreja local.

Na Figura 7, é possível observar a fotografia da ata, destacando a página em que o próprio João registrou a data de criação do time, bem como os nomes dos diversos homens da comunidade que participaram desse momento de fundação. Já o Quadro 2 exibe os nomes dos membros que compunham a administração do time, o que evidencia o nível de organização da Sociedade Esportiva Rural do Batista.

Figura 7: Ata da Sociedade Esportiva



Fonte: Arquivo pessoal de José Maria Pereira.

Quadro 2 - Membros da administração do time

Cargo	Nomes
Presidente	Belarmino Caldeira
Vice Presidente	Avelino Souza Neto
Diretor	João Silva Pereira
Secretário	José Cardoso
Tesoureiro	Carmerindo Caldeira Silva

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

As decisões relacionadas à equipe eram tomadas em reuniões, demonstrando o caráter coletivo e participativo da gestão. Entre os integrantes citados, apenas João Pereira e Avelino Souza Neto já faleceram; os demais encontram-se atualmente em idade avançada. Naquele período, entretanto, todos eram jovens e atuavam tanto na administração quanto como jogadores do próprio time, incluindo o próprio João, que na época contava com 36 anos de idade. É importante destacar que, entre os membros da administração, apenas José Cardoso ainda reside na comunidade. No Quadro 3 apresentado abaixo é possível observar os nomes dos jogadores tanto do time titular, quanto do time reserva.

Quadro 3 - Nomes dos jogadores titulares e reservas

Nomes dos jogadores do 1º time.	Nomes dos jogadores do time reserva.
1 Alberico Dias	1 Aloido Dias
2 Osvaldo Clarindo Leão	2 Valmir Dias
3 Antônio Cardoso	3 Belarmino Alves
4 Francisco Cardoso	4 Lauro Caldeira
5 Osvaldo Evangelista	5 José Maria Dias
6 José Dias	6 José Dias
7 Sinvaldo Alves	7 Luís Cardoso
8 Valdeci Batista	8 João Silva Pereira

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

A sociedade esportiva realizava reuniões periódicas com seus membros para discutir questões administrativas e decisões coletivas. Um exemplo registrado em ata refere-se à segunda reunião da Sociedade Esportiva do Batista, realizada em 6 de agosto de 1966, às duas

horas da tarde. Nessa ocasião, foram escolhidos, por meio de votação, os membros responsáveis pela administração do time. Além dos jogadores, participaram da reunião diversos homens da comunidade e de localidades vizinhas, muitos dos quais mantinham laços de amizade com João Pereira.

As atas também registram atividades promovidas com o objetivo de arrecadar recursos para o time. Um exemplo é a realização de uma reza seguida de leilão, ocorrida na residência de João em 25 de junho de 1966, que resultou na quantia de 34.850 cruzeiros¹⁵. Além disso, os próprios membros do time contribuíram com doações, totalizando 35,50 cruzeiros. O time também organizava rifas para levantar fundos, na ata consta que João Silva adquiriu um “jogo de água” (provavelmente um conjunto de jarros e copos) para ser rifado.

Os valores arrecadados eram destinados às despesas do time, especialmente à confecção dos uniformes, que, conforme descrito em ata, eram de cor azul com uma faixa branca. Foram confeccionados uniformes para as duas equipes, titular e reserva, totalizando 21 camisas e calções. As peças foram costuradas pelo próprio João Pereira, que também era alfaiate. Ele possuía máquinas de costura em casa e frequentemente realizava esse tipo de trabalho.

O primeiro jogo do time ocorreu em 8 de maio de 1966, contra o time da comunidade vizinha do Jacaré, resultando na vitória da Sociedade Esportiva Rural do Batista por 2 a 0. Posteriormente, a equipe passou a disputar partidas com times de outras localidades, como Pêdreiz, Jacinta e Tanque Novo, fortalecendo os vínculos entre as comunidades rurais.

Quanto ao campo de futebol, não há registros oficiais que indiquem a data exata de sua abertura. A família de João acredita que tenha sido construído em 1966, no mesmo ano da criação do time, embora essa informação não possa ser confirmada documentalmente. Sabe-se, no entanto, que o campo foi aberto em um terreno localizado em frente à sua residência, e que foi doado de maneira informal por João Pereira, uma vez que não houve, à época, qualquer documento que oficializasse essa doação. A formalização ocorreu apenas em 2022, quando a família finalmente registrou a doação da área à Igreja Católica. Essa iniciativa reflete seu desejo de promover o desenvolvimento da comunidade, sendo o futebol um dos primeiros meios encontrados para estimular a convivência e o lazer local. A Figura 8 exibe a foto do campo de futebol da Rapadura.

¹⁵ Foi a moeda oficial do Brasil em diferentes períodos do século XX.

Figura 8: Campo de futebol da comunidade



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

O campo de futebol criado por João permanece em uso até os dias atuais, como se observa na fotografia apresentada. Desde sua criação, o espaço nunca ficou desativado. Embora a comunidade de Rapadura não possua atualmente um time atuante no campeonato municipal de Tanque Novo, o campo continua sendo utilizado regularmente, às terças, às quintas e, ocasionalmente, aos sábados, para os tradicionais jogos amistosos, conhecidos como “babas”¹⁶. Participam dessas partidas tanto moradores locais quanto antigos residentes, visitantes e convidados.

Hoje, o campo é um espaço público de convivência, lazer e prática esportiva, cumprindo um importante papel social na comunidade. Assim, percebe-se que o interesse de João Pereira não se restringia apenas à promoção de atividades esportivas, mas também à consolidação dos laços comunitários.

5.2 A construção da primeira escola.

Após a criação do campo de futebol, considerado o primeiro marco coletivo da comunidade, a segunda grande conquista foi a construção do prédio escolar, a primeira e única escola da localidade. De acordo com os registros em ata feitos por João Pereira, as obras tiveram

¹⁶ Expressão informal popular na Bahia, usada para se referir a jogar futebol.

início em 26 de agosto de 1970, marcando um novo momento para a comunidade, que passava a contar com um espaço destinado ao ensino formal.

É importante destacar, entretanto, que a construção da escola não foi uma iniciativa de João, mas sim uma realização da Prefeitura Municipal de Botuporã, à qual o então distrito de Tanque Novo pertencia. Naquele período, o prefeito era Antônio Augusto Mendonça, filiado ao partido ARENA¹⁷ e eleito com 1.493 votos. Seu mandato compreendeu os anos de 1966 a 1970, sendo a obra da escola executada justamente no último ano de sua gestão.

Embora João Pereira não tenha sido o responsável direto pela obra, ele atuou como pedreiro, participando de forma efetiva nos trabalhos de construção. Segundo a ata, 39 pessoas trabalharam na obra, todas contratadas pela prefeitura. O documento apresenta ainda a divisão das funções entre os trabalhadores: alguns dedicavam-se à fabricação dos adobes, outros à construção do alicerce e das paredes, ao transporte de pedras ou às atividades de servente. Entre os pedreiros principais estão citados João Silva Pereira, José de Brito e Abel Dias. Apesar de ser pedreiro, João também aparece na ata como participante na produção dos adobes, o que indica que exerceu mais de uma função durante a obra.

A estrutura inicial da escola era simples, composta por apenas uma sala de aula e um banheiro simples, apenas com vaso sanitário, mas que apesar da precariedade atendia à necessidade local de um espaço destinado à alfabetização e ao ensino das crianças da comunidade. Embora não se tenham registros na comunidade sobre a data exata de conclusão ou inauguração, as anotações em ata se estendem até 9 de novembro de 1972, o que permite supor que a obra tenha sido finalizada no final daquele ano. Assim, o prédio escolar levou cerca de dois anos e três meses para ser concluído.

A instituição recebeu o nome de Escola Municipal Lagoa do Batista, em referência a uma localidade próxima à Rapadura, chamada Lagoa do Batista, que posteriormente se integrou à comunidade.

Os registros orais também apontam que João Pereira exerceu atividades docentes nessa escola em determinado período, uma vez que possuía domínio básico da leitura e da escrita e já ministrava aulas particulares em sua residência. Assim, ele passou a atuar como o primeiro professor da escola pública da comunidade.

Com o passar dos anos, durante o primeiro mandato do ex-prefeito José Messias Carneiro (1997-2000) a escola passou por reformas e ampliações, recebendo um muro, uma

¹⁷ Aliança Renovadora Nacional (ARENA), partido que apoiava o governo militar no Brasil entre 1966 e 1979. Foi criado após o Ato Institucional nº 2, que extinguiu todos os outros partidos e estabeleceu o sistema de bipartidarismo, juntamente com MDB (Movimento Democrático Brasileiro) que representava a oposição.

pequena cantina e a construção de um novo banheiro. Após a reforma, a instituição passou a se chamar Escola Municipal João Pereira, em reconhecimento à atuação de João na história educacional da comunidade. A Figura 9 apresenta o prédio após essas modificações.

Figura 9: Escola da comunidade



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

A escola funcionou por 40 anos, sendo fechada em 2012, durante o mandato do então prefeito Elson Neves de Oliveira, que justificou o encerramento das atividades pelo baixo número de alunos, a última turma contava com apenas seis estudantes, o que culminou na decisão administrativa de transferi-los para escolas na sede do município.

Atualmente, em 2025, a estrutura encontra-se bastante deteriorada em razão do tempo e da falta de manutenção. Embora desativado para fins pedagógicos, o prédio ainda é utilizado para reuniões comunitárias, atividades associativas (como as da ASAMIL e do PRONAF¹⁸) e eventos locais, como as tradicionais festas juninas da comunidade e a recém criada carreatas de carros de bois.

5.3 A construção da primeira igreja da comunidade.

Durante suas viagens a São Paulo, João Pereira teve contato com novos modos de vida e com as chamadas “coisas modernas” experiências que, segundo relatos de familiares, o impressionaram profundamente. Esse contato despertou nele o desejo de trazer algum tipo de

¹⁸ O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar é um programa do Governo Federal do Brasil que oferece linhas de crédito com condições especiais.

desenvolvimento para a comunidade de Rapadura. Movido tanto por essa vontade quanto por sua forte devoção ao Sagrado Coração de Jesus, João decidiu, por iniciativa própria e com o apoio dos moradores locais, construir a primeira igreja da comunidade, dedicada a essa devoção.

A construção da igreja teve início em 3 de março de 1975, com o preparo do alicerce que daria sustentação à edificação. Posteriormente, em 25 de junho do mesmo ano, foi produzido o primeiro tijolo de adobe, marcando oficialmente o começo da construção das paredes. A possibilidade de identificar essas datas com precisão se deve à preservação das atas da comunidade, documentos nos quais João Pereira e outros moradores registravam detalhadamente os principais acontecimentos locais. Esses registros constituem hoje uma importante fonte histórica, pois permitem compreender melhor o empenho e organização comunitária que marcaram o processo de construção da igreja.

A edificação da igreja representou um marco importante para a comunidade, pois proporcionou um espaço coletivo de fé e convivência. Antes de sua construção, os moradores realizavam suas orações em suas próprias casas ou reuniam-se nas residências dos vizinhos mais próximos para rezar o chamado “terço em família”, prática comum entre as famílias católicas da época. Posteriormente, os moradores passaram a se reunir para rezar o terço em comunidade, mesmo antes da construção da igreja. Em uma das atas consta inclusive a data em que essa prática coletiva teve início: 19 de novembro de 1972, em um domingo, às 11 horas da manhã. Com o tempo, essas reuniões religiosas deram origem ao Apostolado do Sagrado Coração de Jesus, grupo que se tornaria fundamental para a vida espiritual e organizacional da comunidade.

Além do terço, a comunidade passou também a receber celebrações de missas. Na ata, consta que a primeira missa celebrada na comunidade ocorreu no dia 23 de junho de 1973, presidida por um frei chamado Alonso. Para que a celebração pudesse acontecer, foi construído um toldo improvisado, feito com lonas e varas de madeira. A comunidade, assim como as demais da região, era assistida pela Diocese de Caetité e, por ainda não possuir paróquia própria, Tanque Novo pertencia à Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, da cidade de Botuporã.

A iniciativa de erguer a igreja partiu de João Pereira, mas a obra só foi possível graças ao esforço coletivo dos moradores. Naquele período, as condições eram bastante limitadas, o acesso a materiais industrializados como o cimento eram escassos e as técnicas de construção modernas ainda não eram populares no interior. Assim, utilizou-se a técnica tradicional do adobe, amplamente empregada na região.

O adobe consiste em tijolos feitos a partir da mistura de barro e água, moldados manualmente e secos ao sol. No caso da igreja, utilizou-se a chamada “terra vermelha”, extraída dos barreiros, que são elevações de terra conhecidas localmente como “murundus”. O processo era inteiramente artesanal: a terra e a água eram misturadas e amassadas com os pés até atingir a consistência ideal; em seguida, o barro era colocado em uma gamela (espécie de bacia de madeira) e moldado em formas retangulares para secagem ao sol.

A divisão do trabalho era bem definida. Os homens se encarregavam da produção dos tijolos, da escavação e do transporte dos tijolos e dos tambores de água, estes dois últimos eram realizados com o auxílio de carros de bois¹⁹. As mulheres, por sua vez, eram responsáveis pelo preparo das refeições para os trabalhadores, contribuindo assim de forma essencial para o andamento da obra.

A estrutura da igreja era simples, composta basicamente por tijolos de adobe e reforçada com arame farpado, que servia como elemento de sustentação. Não foram utilizadas vigas metálicas, cimento ou ferro. Após a conclusão das paredes, o acabamento foi feito com reboco de cal e areia e finalizado com a pintura, o telhado era coberto com telhas cerâmicas²⁰, seguindo o modelo tradicional das construções sertanejas. A Figura 10 apresenta a imagem da primeira igreja.

Figura 10: Primeira igreja da comunidade



Fonte: Arquivo pessoal de Carmerinda Nunes de Jesus.

¹⁹ Veículo de tração animal rústico e tradicional, puxado por uma junta de bois e construído predominantemente em madeira.

²⁰ Telhas cerâmicas são coberturas feitas de argila moldada e queimada em altas temperaturas, resultando em peças resistentes e duráveis. Elas são um dos materiais mais tradicionais para telhados, conhecidas pela sua capacidade de isolamento térmico e variedade de modelos e cores.

Na fotografia apresentada anteriormente, datada de setembro de 1978, é possível observar a estrutura da igreja já erguida. A fachada apresenta duas torres sineiras laterais (embora não tenham sido utilizados sinos), cada qual com uma abertura em arco no topo. O corpo central da igreja é mais elevado e possui um telhado de duas águas. Tanto nas torres quanto na entrada principal e nas janelas, destacam-se arcos decorativos que enriquecem a arquitetura da igreja. No acabamento externo, é possível observar as cornijas, elementos que, além de protegerem as paredes ao desviarem a água da chuva, também cumprem função estética, conferindo acabamento à construção. Todo o trabalho decorativo da igreja, incluindo o sacrário²¹, o altar²² e o retábulo²³ (informalmente chamado de oratório por algumas pessoas), foi realizado por João Pereira, que já possuía ampla experiência na área da construção civil adquirida em São Paulo, inspirando-se nas igrejas que conheceu durante o período em que lá trabalhou.

Na Figura 11, observa-se a estrutura do retábulo construído por João Pereira. A fotografia não é ilustrativa, mas representa fielmente a obra por ele executada. Além da confecção do retábulo, João também foi o responsável pela aquisição das imagens sacras que compuseram o interior da igreja, trazidas de São Paulo. Na imagem também é possível identificar as imagens do Sagrado Coração de Jesus, Nossa Senhora Aparecida, São Benedito e São Sebastião. Além dessas, João trouxe ainda as imagens de Nossa Senhora da Conceição e de São João Batista, que, embora não apareçam na foto, igualmente integravam o conjunto de elementos sagrados do templo. Todas essas imagens encontram-se preservadas e devidamente guardadas na atual igreja da comunidade de Rapadura, constituindo importantes testemunhos da devoção e do legado material deixado por João.

²¹ É um cofre ou armário sagrado em igrejas católicas onde se guardam as hóstias consagradas

²² Estrutura elevada ou local sagrado usado para propósitos religiosos, como sacrifício, adoração, oração ou para fazer oferendas a divindades.

²³ Estrutura decorativa de grandes dimensões, geralmente feita de madeira ou pedra, que fica localizada na parede posterior de um altar, adossada à parede de uma igreja ou capela.

Figura 11: Retábulo construído por João



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

A igreja originalmente construída por João Pereira, entretanto, não é a mesma que se encontra erguida na comunidade nos dias atuais. De acordo com relatos dos moradores mais antigos, cerca de dois anos após o falecimento de João, provavelmente durante o inverno de 1985, um período de chuvas intensas ocasionou o desmoronamento de parte significativa da edificação, restando apenas a área do altar. Diante desse ocorrido, seu filho, José Maria, juntamente com diversos moradores, uniu esforços para reconstruir o templo. A restauração envolveu a reconstrução das partes comprometidas, dessa vez utilizando tijolos cozidos em substituição ao adobe, e reforçando a estrutura com arames, a fim de garantir maior resistência. A iniciativa coletiva garantiu que a igreja não voltasse a sofrer danos estruturais provocados por fatores naturais.

Com a reconstrução, a igreja adquiriu um novo aspecto, uma vez que José Maria não conseguiu reproduzir exatamente o projeto original elaborado por seu pai. Apesar das modificações, o altar e o retábulo permaneceram intactos, tendo sido preservados integralmente e incorporados à nova edificação.

Na Figura 12, é possível observar a aparência da segunda igreja, reconstruída após o desmoronamento da estrutura original.

Figura 12: Segunda igreja construída



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

Em 2022, a história da igreja da comunidade de Rapadura ganhou um novo capítulo. Após 48 anos da construção da primeira igreja idealizada por João Pereira e 38 anos do desmoronamento e posterior reconstrução do templo, a neta de João, Maria das Graças Pereira Dias, juntamente com alguns moradores, decidiu pela demolição da antiga estrutura para a construção de uma nova, mais moderna e ampla. A decisão, no entanto, gerou certa apreensão e divergência entre os moradores. Alguns poucos membros da comunidade se mostraram contrários à demolição, argumentando que a igreja representava uma relíquia local e possuía grande valor simbólico, por conter partes ainda construídas por João Pereira. Para esses moradores, a edificação era um importante patrimônio comunitário, carregado de memória e significado histórico.

Apesar das vozes contrárias, uma grande maioria da comunidade manifestou-se favorável à reconstrução, justificando que a estrutura apresentava sinais de comprometimento e que, com o passar do tempo, poderia ruir. Outro ponto mencionado foi a presença frequente de morcegos, que dificultava a conservação do espaço e a realização de celebrações. Assim, em

22 de abril de 2022, procedeu-se à demolição da antiga igreja, dando início à construção de um novo templo no mesmo local. Abaixo, na Figura 13 é possível observar o registro do processo de construção da nova igreja, ainda em andamento no ano de 2022.

Figura 13: Terceira igreja em construção



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

Realizar a nova edificação só foi possível graças ao esforço coletivo da comunidade, que organizou rifas, campanhas de doação e mutirões de trabalho voluntário. As imagens seguintes correspondentes a Figura 14 e a Figura 15 mostram a aparência final da nova igreja, tanto em seu exterior quanto no interior, revelando o resultado do empenho coletivo dos fiéis.

Figura 14: Nova igreja da comunidade



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

Figura 15: Interior da nova igreja



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

A inauguração do novo templo ocorreu em 27 de dezembro de 2024, em uma cerimônia que reuniu grande número de moradores e devotos. Embora o processo de reconstrução tenha inicialmente provocado divergências, a nova igreja retomou o papel simbólico de espaço de união e fé comunitária, tal como ocorria nos tempos de João Pereira. Dessa forma, a trajetória da igreja reflete a continuidade da devoção e do espírito colaborativo que sempre marcaram a história da comunidade de Rapadura.

5.4 Os festejos do Sagrado Coração de Jesus.

Entre os diversos aspectos associados à trajetória de João Pereira, os festejos dedicados ao Sagrado Coração de Jesus constituem o elemento mais recorrente na memória dos moradores da comunidade. De acordo com os relatos, era em torno dessa celebração que se concentravam grande parte de seus esforços, tanto no trabalho cotidiano quanto na organização dos eventos religiosos e culturais. Os recursos obtidos ao longo do ano, por meio de atividades diversas, eram frequentemente direcionados à preparação dos festejos e à aquisição de objetos litúrgicos e imagens para a igreja.

A festa do Sagrado Coração de Jesus correspondia à missa solene anual dessa devoção, tradicionalmente realizada no mês de setembro. A escolha dessa invocação como padroeira da

comunidade, feita por João Pereira no momento de organização da igreja, contribuiu para difundir e consolidar a devoção entre os moradores, tornando-a um elemento central da religiosidade local.

Os festejos, contudo, não se restringiam à celebração litúrgica. Tratava-se de um evento comunitário amplo, que se estendia por mais de um dia e envolvia atividades sociais, esportivas e culturais. Na véspera da missa principal, conhecida como *dia da festa*, eram realizados torneios de futebol e diversas brincadeiras, que mobilizavam participantes de localidades vizinhas.

O relato da senhora Zenaide, moradora da comunidade de Rapadura oferece uma descrição detalhada dessas celebrações:

“Os eventos que ele fazia eram jogo de futebol no tempo das festas de setembro, era careta, corrida de bicicleta; aí à noite tinha queimada de boneca de fogo, tinha a orquestra que tinha a música, a orquestra dele que ele treinava o pessoal para ajudar a tocar no dia da missa, e aí o evento era esse. Ah, e ele também fazia as roupas do pessoal que cantava, as cantoras, ele é que costurava as roupas e dava ao povo tudo para vestir para apresentar no dia; fazia as roupas dos músicos, que era ele que costurava, costurava calça, camisa, tinha uns bonezinhos igual a boné de marinheiro, tudo ele fazia e no dia tava todo mundo vestido igual. Ele gostava das coisas bem organizadas.” (MACEDO, Zenaide Francisca. Entrevista I. [fev. 2025]. Entrevistadora: Rute Macedo Pereira. Tanque Novo – Bahia, 2025. 1 arquivo .mp3 (11 min))

A partir desse relato, é possível compreender a dimensão social dos festejos, que envolviam tanto as atividades do dia anterior quanto as práticas religiosas propriamente ditas. Os torneios de futebol reuniam equipes de comunidades próximas, como Jacaré, Tanque Novo e Jacinta, estendendo-se ao longo de todo o dia, pela manhã e pela tarde. Muitos jogadores, segundo as entrevistadas, permaneciam na comunidade para participar da missa no dia seguinte.

Entre as brincadeiras realizadas, destacava-se a corrida de bicicletas, mencionada por Zenaide. Apesar do nome, sua dinâmica não correspondia exatamente a uma corrida tradicional. Os participantes posicionavam-se em fila, cada um montado em sua bicicleta, e deslocavam-se até uma pequena trave improvisada, onde pendia uma argola presa por um fio. Cada competidor carregava uma pequena vara de madeira, com a qual deveria tentar retirar a argola. O participante que a capturasse primeiro era considerado vencedor e costumava receber como prêmio objetos relacionados ao uso da bicicleta, como câmaras de ar ou bombas de encher pneus. A Figura 16 datada de 1973 apresenta um registro dessa atividade.

Figura 16: Corrida de bicicletas em 1973



Fonte: Arquivo pessoal de Carmerinda Nunes de Jesus

A outra atividade realizada durante o dia da festa eram as chamadas “Caretas”, uma brincadeira popular que também ocorria em diversas comunidades rurais da região. Essa prática consistia na participação de alguns indivíduos, geralmente homens, que se vestiam com saias ou vestidos e utilizavam máscaras de aparência assustadora. Os participantes portavam ainda um tipo de chicote confeccionado com galhos flexíveis, e passavam a perseguir aqueles que os provocavam, movimentando-se em meio ao público. Apesar de sua natureza controversa, essa brincadeira ainda é bastante difundida em localidades do interior baiano, como no distrito de Acupe, no município de Santo Amaro -BA.

Além das Caretas, havia também a tradicional queima da boneca de fogo, realizada geralmente à noite, após a novena e sempre na véspera da missa solene. Essa atividade marcava o encerramento do chamado “dia da festa”. A boneca era fixada em uma pequena estrutura circular, semelhante a uma roda, colocada no topo de um suporte preso ao chão. Em torno da boneca eram amarrados diversos fogos de artifício. Quando acesos, os fogos proporcionavam movimento à estrutura, fazendo com que a boneca girasse rapidamente, produzindo um

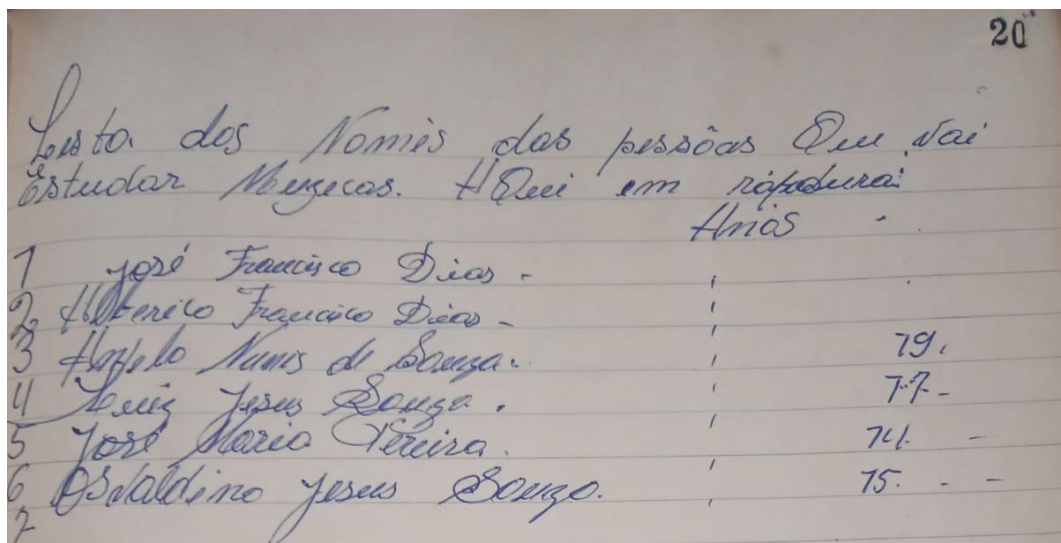
espetáculo de luzes e cores. É importante destacar que não se ateava fogo diretamente na boneca; o efeito visual provinha exclusivamente dos fogos instalados em seus braços e cintura, sendo lembrado pelos moradores mais antigos como um momento particularmente marcante dos festejos.

Atualmente, essas duas brincadeiras não são mais realizadas na comunidade. Embora não exista um motivo formal registrado, alguns moradores afirmam que, no caso da queima da boneca de fogo, a tradição deixou de ocorrer após o falecimento de João Pereira, responsável pela organização dessa atividade. Já no que se refere às Caretas, a prática persistiu por mais tempo, mas gradualmente perdeu adesão, sendo abandonada em razão da falta de continuidade entre as novas gerações.

5.4.1 A filarmônica criada por João.

Outra iniciativa relevante atribuída a João Pereira foi a criação da primeira e única filarmônica da comunidade de Rapadura. Embora a documentação existente seja escassa, há um registro fundamental: a lista dos primeiros alunos que iniciaram o estudo de música, encontrada na segunda ata da comunidade, escrita por João. Conforme mostra a Figura 18 da página da ata, essa turma inaugural era composta por apenas seis jovens, todos do sexo masculino, com idades entre 14 e 19 anos. Trata-se do único registro formal existente nas atas acerca da filarmônica.

Figura 17: Lista dos estudantes de música



20

Lista dos Nomes das pessoas Que vai estudar Música. Aqui em Rapadura:

	Anos
1 José Francisco Dias -	
2 Hilário Francisco Dias -	
3 Helder Nunes de Souza.	79.
4 Jesus Jesus Souza.	77-
5 José Maria Pereira.	74. -
6 Osvaldino Jesus Souza.	75. - -
7	

Fonte: Arquivo pessoal de José Maria Pereira.

As atas, contudo, não fornecem informações sobre o início exato da iniciativa, ou sobre as reuniões organizativas do grupo. Apesar dessas lacunas, algumas fotografias do grupo datadas de 1978 sugerem que a filarmônica já estava em atividade na década de 1970, o que nos permite inferir que sua formação deve ter ocorrido ao longo dos primeiros anos desse período.

Quanto aos instrumentos, eles foram doados por Juvêncio Carneiro Neto, que atuou como escrivão no Cartório de Registro Civil local, e como prefeito do município de Botuporã, a qual a cidade de Tanque Novo já pertenceu.

João atuava como o “maestro” do grupo, sendo o responsável por ensinar os jovens a tocar os instrumentos e por organizar os ensaios. Assim, além de idealizador, ele desempenhava diretamente o papel de instrutor musical.

O principal objetivo da filarmônica era participar e animar os festejos religiosos e comunitários, desempenhando funções como acompanhar procissões, tocar durante as novenas e integrar-se às atividades festivas, especialmente no período dedicado ao Sagrado Coração de Jesus. A atuação do grupo conferia maior solenidade às celebrações, reforçando o caráter comunitário dos eventos.

Entre os registros fotográficos preservados, observa-se a Figura 19 que exibe uma imagem do grupo já bastante ampliado, totalizando 17 integrantes, com João segurando um trombone.

Figura 18: Filarmônica criada por João



Fonte: Arquivo pessoal de Carmerinda Nunes de Jesus.

Já a Figura 20 mostra a filarmônica ao fundo em atuação durante uma procissão realizada após a missa solene, também datada de setembro de 1978. Neste registro, é possível observar que o grupo acompanhava os fiéis ao longo do trajeto, desempenhando um papel importante na condução da celebração. A presença da filarmônica conferia maior solenidade ao rito, fortalecendo o caráter festivo e religioso daquele momento. Além disso, essa imagem evidencia como a música se integrava de maneira significativa às práticas culturais e espirituais da comunidade, reforçando a relevância das iniciativas coordenadas por João no cotidiano local. Dessa forma, a fotografia constitui não apenas um registro histórico, mas também um testemunho da participação ativa da filarmônica nas expressões de fé da comunidade de Rapadura.

Figura 19: Filarmônica em procissão



Fonte: Arquivo pessoal de Carmerinda Nunes de Jesus

As fotografias revelam ainda um aspecto característico: o uso de uniformes brancos por grande parte dos integrantes. Isso ocorria porque João valorizava a apresentação padronizada dos grupos que participavam das celebrações, tanto a banda musical quanto o grupo de canto da igreja, que era composto majoritariamente por mulheres. Ele próprio confeccionava as camisas dos músicos e os uniformes das cantoras, que consistiam em camisas e saias brancas. Embora a alfaiataria não fosse sua profissão principal, ele dominava a técnica e exercia essa

atividade sempre que fosse necessário, muitas vezes com o auxílio da sua esposa Carmerinda, que também sabia costurar. Ambos possuíam máquinas de costura em casa, o que facilitava a produção dos trajés utilizados nos eventos comunitários. Não há, entretanto, exemplares preservados dessas roupas, pois, após o falecimento de João, a família acabou se desfazendo da maior parte desses objetos.

Infelizmente, após morte de João, a filarmônica não conseguiu manter suas atividades. A ausência de seu principal coordenador e instrutor acabou por desmotivar os integrantes, que gradualmente se dispersaram. Sua esposa, diante da dissolução definitiva do grupo, decidiu devolver os instrumentos à Juvêncio Carneiro Neto, de quem haviam sido originalmente recebidos. Assim, encerrou-se a trajetória da filarmônica, que, apesar de breve, marcou um capítulo significativo da história cultural da comunidade.

Ainda no campo das práticas musicais desenvolvidas por João, é importante destacar também sua atuação como compositor, aspecto menos mencionado, mas igualmente relevante para compreender sua influência cultural na comunidade. Entre suas produções, destaca-se uma canção dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, que como já mencionado, era uma devoção de grande importância para ele e para a comunidade de Rapadura. A música, de autoria integral de João Silva Pereira, era frequentemente entoada nas novenas e celebrações religiosas do período em que ele atuava como liderança local:

Música de composição de João Silva Pereira.

*Coração de Jesus formado ardente de caridade
acalmado as dores curando os doentes que tem vontade,
com os braços abertos chamando o seu povo para a eternidade
lá vai eu, ô lá vai eu.*

*Coração de Jesus boiadeiro infinito de nós caminheiros
deu sua carne e seu sangue como comida e bebida verdadeira
foi nascido em Belém numa estalagem que havia, filho de José, ô, e de Maria.*

*Coração de Jesus filho amado de Deus temido pelas criaturas
sua imagem veio de Marília para morar em Rapadura
daí suas bênçãos para todo o povo que vos implora, e daí nos oh a glória.*

A referência presente na canção ao fato de que “sua imagem veio de Marília para morar em Rapadura” remete à cidade de Marília, no estado de São Paulo, onde João Pereira adquiriu

a primeira imagem do Sagrado Coração de Jesus destinada à igreja da comunidade. Esse detalhe reforça não apenas sua devoção pessoal, mas também seu empenho em estruturar e fortalecer as práticas religiosas locais.

Com o passar do tempo, entretanto, a música deixou de ser executada. Após a morte de João, a canção foi sendo esquecida, acompanhando o próprio processo de dispersão de algumas tradições cultivadas por ele. A letra estava registrada apenas em um pequeno caderno, que acabou se perdendo, e as pessoas que a conheciam passaram a falecer, enquanto as gerações mais novas sequer tiveram acesso à composição completa.

Durante esta pesquisa, contudo, foi possível recuperar integralmente a canção. Em uma conversa com Zenaide, uma das colaboradoras deste estudo, ela mencionou que a senhora Amélia, moradora da comunidade de Jacaré e contemporânea de João, possivelmente ainda lembrava a letra. A partir desse momento, entrei contato com sua filha, Joélia, que confirmou que apesar da idade, sua mãe permanecia capaz de lembrar a letra e cantar a canção. Posteriormente, elas enviaram um áudio com a gravação, possibilitando a recuperação fiel da letra.

Assim, a preservação dessa música representa não apenas a salvaguarda de um registro cultural, mas também a recuperação simbólica de um fragmento importante da memória coletiva da comunidade. Resgatar essa canção é, de certo modo, reaproximar-se de João, de sua trajetória e de sua contribuição artística, garantindo que esse aspecto de sua atuação não permaneça esquecido pelas gerações futuras.

5.4.2 A missa do Sagrado Coração de Jesus.

A missa em honra ao Sagrado Coração de Jesus, padroeiro da comunidade, tradicionalmente ocorre no mês de setembro desde a criação da igreja local, permanecendo assim até os dias atuais. Embora, de modo geral, essa devoção seja celebrada no mês de junho, período dedicado ao Sagrado Coração de Jesus, muitas comunidades da região, assim como a Igreja Matriz de Tanque Novo, mantêm a tradição de realizar a festa em setembro. Trata-se, portanto, de um costume antigo e amplamente consolidado.

Os festejos do Sagrado Coração de Jesus da comunidade da Rapadura sempre se destacaram por reunir um grande número de participantes. Isso se deve tanto à relevância religiosa da celebração quanto às atividades recreativas promovidas no dia anterior à missa solene, consideradas, à época, o principal evento da comunidade e muito aguardadas pelos moradores e visitantes. Ainda que ao longo do ano fossem realizadas outras celebrações

religiosas, como as dedicadas a São Benedito, Nossa Senhora Aparecida e São Sebastião, a festa do padroeiro era reconhecida pelos moradores como “o dia da festa”, justamente por atrair o maior público.

A celebração mobilizava não apenas os moradores locais, mas também pessoas de diversas localidades próximas, como da cidade de Tanque Novo, de comunidades como Jacaré, Jacinta, Manoel Corrêia, Fazenda, Carreiras, Baraúnas, Lagoa da Cobra, entre outras. Alguns visitantes, especialmente os que vinham de regiões mais distantes, como é o caso de Lagoa da Cobra, costumavam chegar no sábado para participar das brincadeiras festivas e permaneciam até o domingo para acompanhar a missa. Muitos deles se hospedavam na casa de João, que era reconhecido por acolher aqueles que vinham para o festejo.

Entretanto, como já mencionado anteriormente, tratava-se de um período marcado por dificuldades, sobretudo relacionadas à escassez de água e às limitações estruturais da comunidade. Receber visitantes exigia grande esforço por parte da família de João: nem sempre havia camas suficientes, a água era obtida em longas caminhadas até o tanque e não havia energia elétrica. A responsabilidade de buscar água, cozinhar e atender aos visitantes recaía principalmente sobre sua esposa, Dona Carmerinda, e suas filhas. Portanto, além das demandas próprias da festa, havia todo o trabalho doméstico ampliado pela presença de tantos convidados.

Essas dificuldades são recordadas por uma das entrevistadas, Izaura, que descreve:

“As mais dificuldades eram porque aqui pra nós era muito seco, não tinha água, e a gente buscava água com muita distância. Dona Carmerinda sofreu muito, mais as meninas, buscando água longe, lata de água na cabeça. E ele era uma pessoa que tinha muita amizade, ele juntava muita gente, vinha muito amigo dele, e aquele povo ele queria que Dona Carmerinda acolhesse todos. E era água pra poder... nem banho não tomava, porque a água não dava pra tomar banho, era só lavar o rosto e mal os pés. E uns vinham de tarde para o jogo e já ficavam de noite pra reza, e ela tinha que fazer comida para esse pessoal. Dona Carmerinda foi uma esposa que ajudou muito Seu João.” (LEÃO, Izaura da Silva. Entrevista II. [mar. 2025]. Entrevistadora: Rute Macedo Pereira. Tanque Novo – Bahia, 2025. 1 arquivo .mp3 7 min)

Dessa forma, observa-se que a família desempenhava papel fundamental para que os festejos ocorressem. Embora João fosse o principal articulador das atividades, esse trabalho só se tornava viável graças ao apoio constante de sua esposa e filhos, que também relatam que, por vezes, cediam suas próprias camas aos visitantes, dormindo em cadeiras ou no chão, para acomodar todos que chegavam. Parte da comunidade colaborava com algumas tarefas, mas grande parte das responsabilidades recaía sobre a família de João.

No dia da missa, o movimento na comunidade era intenso. Famílias chegavam em carros de bois, enchendo o campo de futebol e as imediações da igreja. Devido ao grande número de

fieis, a celebração costumava ocorrer no exterior da igreja, já que o espaço interno não comportava todos os participantes. Algumas famílias montavam barracas de comidas, cafês e bolos, criando um ambiente festivo ao redor da igreja. Sobre isso, Zenaide comenta:

“No dia da festa também tinha barraca de comida, barraca de café, tanta barraca que em roda da igreja tudo só virava barraca. Todo mundo vinha com aquela alegria de colocar uma barraquinha, mas ali também estava participando da missa da festa, tudo com alegria.” (MACEDO, Zenaide Francisca. Entrevista I. [fev. 2025]. Entrevistadora: Rute Macedo Pereira. Tanque Novo – Bahia, 2025. 1 arquivo .mp3 11 min)

Assim, os festejos combinavam aspectos religiosos, culturais e sociais. Além da espiritualidade, constituíam um momento de encontro, troca e convivência entre moradores e visitantes. As barracas permitiam que algumas famílias obtivessem renda extra em um período economicamente difícil, enquanto as atividades recreativas e a celebração religiosa fortaleciam os laços comunitários. Portanto, tratava-se de um evento que ultrapassava o âmbito estritamente religioso, configurando-se também como um importante espaço de sociabilidade e expressão cultural.

Os registros fotográficos e as atas indicam que o padre que mais frequentou a comunidade para celebrar a festa do padroeiro foi o padre Aldo Lucchetta, figura bastante conhecida na época e amigo próximo de João Pereira. Sua atuação era reconhecida não apenas na região, mas também em outros municípios da Bahia e do estado do Espírito Santo.

O padre Aldo era italiano, nascido na cidade de Codogné, em 13 de maio de 1941. Foi ordenado sacerdote na Itália, em 1966, e, no ano seguinte, em 1967, veio para o Brasil. Sua atuação foi significativa em diversas áreas, mas ele se destacou especialmente por idealizar e implementar as Escolas Família Agrícola (EFA). A proposta dessas instituições era oferecer educação aos jovens do campo e, ao mesmo tempo, combater o êxodo rural, que se intensificava no sertão nordestino naquele período. O modelo das EFAs combinava a instrução escolar tradicional com o ensino de técnicas agrícolas, possibilitando que os trabalhadores rurais desenvolvessem meios de subsistência em suas próprias terras, sem a necessidade de migrarem para as cidades.

Tanque Novo foi um dos municípios contemplados com uma dessas escolas, a Escola Família Agrícola de Tanque Novo. Isso contribui para explicar a presença constante do padre Aldo na região, já que cidades próximas, como Botuporã, Paramirim e Riacho de Santana, também possuíam escolas do mesmo modelo. Assim, a sua circulação era frequente em diversas comunidades rurais, incluindo a da Rapadura. Além disso, a relação de amizade entre o padre

Aldo e João Pereira, somada à dimensão que os festejos locais alcançavam naquele período, justificava ainda mais sua presença reiterada na comunidade.

Na Figura 21, observa-se, por meio desse registro visual, uma das missas celebradas por Padre Aldo na comunidade.

Figura 20: Padre Aldo na comunidade



Fonte: Arquivo pessoal de Carmerinda Nunes de Jesus.

Além do padre Aldo, a comunidade também recebia, em alguns anos, a visita do bispo da diocese. Os registros apontam que diversas celebrações foram presididas pelo bispo Dom Antônio Alberto, reforçando a importância do evento religioso para a região.

Os festejos do Sagrado Coração de Jesus constituíam um dos momentos mais significativos para a comunidade. Movidas pela fé, as pessoas participavam para pedir chuva, proteção e melhores condições de vida. Para muitos, aquele momento representava um alento diante das dificuldades cotidianas, funcionando tanto como espaço de devoção quanto de sociabilidade e fortalecimento dos laços comunitários.

6 DEPOIS DE JOÃO

No dia 10 de janeiro de 1983, aconteceu algo que transformaria profundamente a dinâmica da comunidade: o falecimento de João Pereira, na cidade de São Paulo. Como fazia com frequência, João havia viajado para trabalhar como pedreiro. Segundo relatos de seus colegas de trabalho, informações essas que foram transmitidas à família posteriormente, na noite do acidente, João levantou-se para ir ao banheiro e acabou caindo no fosso do elevador do prédio em construção. Como a obra ainda não possuía o elevador instalado, havia apenas o vão, e ele caiu de uma altura significativa, vindo a óbito imediatamente.

Como a comunicação entre João e sua família se dava exclusivamente por cartas, a notícia demorou a chegar. Sua esposa e filhos só foram informados seis dias depois, por conhecidos que retornaram da capital paulista para a Bahia. O impacto da notícia foi profundo, gerando grande consternação entre os moradores da comunidade e entre aqueles que conviviam com ele mais de perto. Uma das atas registra como a notícia foi recebida. Redigida por Ana Maria Marques em 16 de janeiro de 1983, ela escreve:

“Sim, tivemos aqui um triste anúncio: que seu João foi acidentado de cima de um prédio e foi transferido para a outra vida no dia 10 deste mês de janeiro de 1983.”

Após sua morte, muitas práticas comunitárias sofreram mudanças. As missas deixaram de reunir o mesmo número de pessoas, alguns moradores de comunidades vizinhas diminuíram sua participação, a filarmônica encerrou suas atividades algum tempo depois, o grupo de canto também deixou de existir, e os campeonatos de futebol se tornaram menos frequentes.

Ainda assim, a comunidade conseguiu se reorganizar e ressignificar essa perda. A compreensão de que não podiam permitir que o trabalho iniciado por João se dissipasse mobilizou os moradores. Sobre esse processo, Izaura relata, quando questionada sobre o legado deixado por ele:

“Ele deixou, porque ele deixou a comunidade fundada, e a gente não deixou cair. Mudou, porque aconteceu que a gente convidou os de fora, os de fora pra também dar força. Então a gente vai levando, porque foi uma coisa que ele fundou e nós não quer deixar cair. Todo mundo dá uma força, por isso que ela tá de pé. E ficou mais fácil as coisas, porque hoje você usa pedir uma ajuda, o povo dá aquela ajuda. E naquele tempo o povo não tinha como dar, porque era todo mundo fraco, não tinha condições, era tudo sem dinheiro. A força que dava era os braços pra ajudar a trabalhar. Mas hoje, se faz uma festa, se sair pedindo um patrocínio, ganha. E aquele tempo não tinha nada de patrocínio pra ganhar.” (LEÃO, Izaura da Silva. Entrevista II. [mar. 2025]. Entrevistadora: Rute Macedo Pereira. Tanque Novo – Bahia, 2025. 1 arquivo .mp3, 7 min)

Assim, mesmo que não fosse possível manter tudo exatamente como antes, uma vez que cada pessoa atua de maneira singular, a comunidade uniu esforços para dar continuidade ao que João havia iniciado.

A família de João Pereira não enfrentou grandes dificuldades financeiras após sua morte, pois sua esposa passou a receber a pensão por morte e continuou trabalhando nas terras junto com os filhos. No âmbito religioso, as celebrações seguiram ocorrendo: as missas, os festejos do Sagrado Coração de Jesus, as reuniões do Apostolado do Sagrado Coração de Jesus e demais atividades da igreja continuaram. Após sua morte, tornou-se comum que, em todas as reuniões, principalmente as do apostolado, registradas nas atas, fosse incluída uma oração pela alma de João. Essa repetição constante inspirou o título deste trabalho, já que sua memória permaneceu ativa entre os moradores. Até os dias atuais, em todas as missas celebradas na comunidade, seu nome é colocado nas intenções.

A memória de João Pereira e a influência de suas iniciativas permanecem presentes no cotidiano da comunidade, manifestando-se tanto nos espaços quanto nas práticas socioculturais ali desenvolvidas. Um exemplo significativo é o campo de futebol construído por ele, que continua sendo utilizado de múltiplas formas. Desde 2009, esse espaço se tornou palco de uma das maiores festas de São João na zona rural do município de Tanque Novo. A criação inicial desse festejo partiu de Edvânia Macedo Pereira, neta de João, e de sua amiga Cátia Leão da Cruz, ambas moradoras da comunidade e, à época, adolescentes de 16 anos. A proposta inicial era promover um momento de convivência e partilha entre os moradores. Naquele ano, realizou-se a primeira quadrilha com a participação dos próprios comunitários, acompanhada de música ao vivo. O evento, entretanto, alcançou grande adesão e, ao longo do tempo, expandiu-se consideravelmente. Atualmente, a festa é organizada pelos moradores da comunidade, contando também com o apoio da Prefeitura Municipal de Tanque Novo.

A Figura 22 traz o registro dos festejos juninos da comunidade, que em 2025 alcançaram a sua 14ª edição, considerando que permaneceram suspensos por dois anos em razão da pandemia de Covid-19. Este festejo consolidou-se como uma das mais expressivas da região, reunindo grande público e reforçando laços comunitários.

Figura 21: Participantes da quadrilha da Rapadura



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

Para além da festa de São João, o campo de futebol permanece como um espaço multifuncional, sendo utilizado para diferentes atividades comunitárias, especialmente os jogos de futebol e a carreata de carros de bois, realizada na véspera da missa do padroeiro, como mostra a Figura 23.

Figura 22: Carreata de carros de bois



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

A primeira edição da carreata ocorreu em setembro de 2025, por iniciativa dos coordenadores da comunidade Laécio Oliveira e Gilberto Silva, e foi prontamente acolhida

pelos moradores. O evento contou com a participação de mais de sessenta carros de bois, conduzidos por carreiros de distintas localidades do município. Toda a comunidade contribuiu para a realização da atividade, seja por meio da doação de alimentos, seja na preparação das refeições, uma vez que foi oferecido almoço aos carreiros e visitantes.

No que se refere às práticas religiosas, estas permanecem ativas e desempenham papel central na vida comunitária. Continuam sendo realizadas celebrações da palavra aos domingos, adoração ao Santíssimo às quintas-feiras, missas do padroeiro, vias-sacras e novenas de Natal. Assim, a igreja segue em pleno funcionamento, ainda que sua atual estrutura tenha sido construída posteriormente àquela erguida por João. Observa-se que, embora algumas práticas tradicionais tenham sido descontinuadas ao longo dos anos, diversas outras foram preservadas, ressignificadas ou surgiram como novas expressões da vivência coletiva. Dessa forma, a comunidade permanece ativa, mantendo vivas as referências históricas que marcam sua trajetória.

A memória de João também foi incorporada de maneira institucional por meio de homenagens realizadas após sua morte. Como já mencionado anteriormente, a antiga Escola Municipal Lagoa do Batista passou a se chamar Escola Municipal João Pereira, reconhecendo sua importância para a história local. Mais recentemente, outra homenagem foi feita com a denominação de uma rua no bairro Rapadura, situado nas proximidades da comunidade, que recebeu o nome de Rua Maestro João Pereira. Desse modo, mesmo ausente fisicamente, sua presença permanece registrada nos espaços, nas práticas e na memória coletiva dos moradores, integrando-se ao patrimônio simbólico da comunidade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O presente trabalho teve como propósito dar visibilidade à história de sujeitos que, muitas vezes, permanecem à margem da historiografia oficial. Nesse sentido, a pesquisa buscou compreender quem foi João Pereira e de que maneira sua atuação contribuiu para a formação cultural, religiosa e identitária da comunidade de Rapadura. Ao reconstruir sua trajetória, esta monografia colaborou para a preservação da memória local e para a valorização de um sujeito que exerceu papel relevante no fortalecimento das tradições e das práticas comunitárias.

A partir da análise das entrevistas, dos relatos orais, das fotografias e da documentação consultada, foi possível perceber a profundidade da atuação de João Pereira na comunidade. Suas iniciativas estiveram diretamente ligadas à organização de práticas religiosas, culturais, esportivas e sociais, que contribuíram para o fortalecimento dos vínculos comunitários e para a construção da identidade coletiva de Rapadura. As memórias compartilhadas pelas entrevistadas revelaram aspectos importantes da vida cotidiana da comunidade e do modo como ela se constituiu e se reorganizou ao longo das décadas.

Este trabalho também se configura como um compromisso com as futuras gerações da comunidade, sobretudo diante do fato de que muitos jovens já não conhecem a história de João Pereira nem a extensão de suas contribuições. As lembranças sobre sua trajetória permanecem, em grande parte, entre os moradores mais antigos, o que evidencia a urgência de registrá-las antes que se percam com o tempo. Assim, documentar essas memórias representa não apenas um exercício acadêmico, mas também uma forma de preservação da identidade e da história local.

No que diz respeito às dificuldades enfrentadas durante a pesquisa, destaca-se o desafio de manter a necessária neutralidade ao investigar a trajetória de um sujeito com quem existe vínculo familiar. Conciliar o rigor acadêmico com a carga afetiva presente nas memórias exigiu cuidado e equilíbrio ao longo de todo o processo. Além disso, o uso da oralidade como uma das principais fontes apresentou limitações, uma vez que nem todos os moradores se dispõem a conceder entrevistas, e o trabalho com lembranças e narrativas pessoais demanda sensibilidade e atenção.

Por fim, reforça-se a importância de valorizar, registrar e preservar a história das pequenas comunidades, que frequentemente permanecem invisibilizadas. Reconhecer sujeitos como João Pereira é reconhecer a própria comunidade e a identidade que a constitui. Espera-se que este trabalho possa incentivar novas pesquisas sobre a comunidade de Rapadura e sobre

outras trajetórias locais, contribuindo para que essas histórias continuem vivas e sejam transmitidas às próximas gerações.

REFERÊNCIAS

2931053_MM. [Documento digital]. Disponível em:

<<https://share.google/BeM1vxnUaRgZV313u>>. Acesso em: 3 dez. 2025.

BARROS, Ana Lída Pereira. **Os frutos das aroeiras**: saberes e experiências em trajetórias de mulheres quilombolas. Dissertação (Mestrado Profissional) –Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino, Linguagem e Sociedade –PPGELS- Universidade do Estado da Bahia- UNEB - p.21, Caetité-BA, 2024.

BARROS, José D'Assunção. **História Cultural**: um panorama teórico e historiográfico. *Textos de História*, Brasília, v. 11, n. 1/2, p. 145-171. 2003.

CHARTIER, Roger. **A História cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Portugal: Difel, 1988.

IZAURA (Entrevistada). Entrevista concedida a Rute Macedo Pereira. Tanque-Novo, abril de 2025.

KNICKERBOCKER, Irving. **Liderança**: uma conceituação e algumas implicações. *Revista de Administração de Empresas*, [S.l.], p. 138-161. Tradução e reprodução autorizada do *Journal of Social Issues*, v. 4, n. 3, 1948, p. 23-40.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003.

RIOS, FÁBIO; “Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo”. In: **Revista Intratextos**, 2013, vol 5, no1, p. 1-22. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/intratextos.2013.7102>

ZENAIDE (Entrevistada). Entrevista concedida a Rute Macedo Pereira. Tanque-Novo, fevereiro de 2025.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADA AS DUAS MORADORAS DA COMUNIDADE DE RAPADURA.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH VI
COLEGIADO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA
CAMPUS VI - CAETITÉ

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Data de realização da entrevista ___/___/___

Contato: Telefone: () _____

E- mail: _____

Conversa inicial e explicação da entrevista para as participantes.

QUESTÕES PARA A ENTREVISTA:

- *Qual é o seu nome, sua idade e o que o(a) senhor(a) faz ou faz de trabalho?*
- *Como era a vida na comunidade de Rapadura quando João Pereira era o líder?*
- *Que tipos de festas, eventos ou atividades João Pereira organizava na comunidade?*
- *As pessoas gostam dele? Ele era uma pessoa importante para a comunidade?*
- *O(a) senhor(a) lembra de alguma história ou momento especial com João Pereira na comunidade?*
- *Quais foram as maiores dificuldades quando ele era líder? Como ele resolvia essas dificuldades?*
- *Depois da morte de João pereira, o que mudou na comunidade? Ele deixou algo de importante para o povo?*
- *O jeito que ele liderava ajudou a manter as tradições e a cultura da comunidade?*

- *As pessoas participavam das coisas que ele organizava? A comunidade se unia com as ideias dele?*
- *Por que a história de João Pereira é importante?*
- *O(a) senhor(a) lembra de mais alguma coisa sobre ele que gostaria de contar?*

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH VI
COLEGIADO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA
CAMPUS VI - CAETITÉ

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o/a Sr/a para participar da Pesquisa de conclusão de curso intitulada “**Pela alma de João: memória e atuação cultural de João Silva Pereira na comunidade de Rapadura no município de Tanque Novo- Bahia**”, sob a responsabilidade do/a pesquisador/a **Rute Macedo Pereira**, a qual pretende **Analisar a liderança de João Silva Pereira, e sua influência para a cultura local e para a formação da memória coletiva, destacando seu papel como referência, destacando seu papel como referência na comunidade.** Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista semiestruturada, envolvendo perguntas e respostas em formato de diálogo presencial. Se o/a Sr/a aceitar participar, as respostas obtidas por esta pesquisa poderão contribuir para **novos estudos e pesquisas sobre a trajetória de João Silva Pereira, promovendo o seu reconhecimento e valorização da sua liderança comunitária.**

Se depois de consentir a sua participação o/a Sr/a desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O/a Sr/a não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração referente a esta pesquisa. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas a sua identidade não será divulgada, uma vez que será guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o/a Sr/a poderá entrar em contato com o/a pesquisador/a no seguinte endereço: **Comunidade de Rapadura, na cidade de Tanque Novo- BA, CEP: 46582-078, pelo telefone (77) 99944-8490** (telefone pessoal), ou poderá entrar em contato com o Colegiado do Curso de Licenciatura em História do Departamento de Ciências Humanas – DCH VI – da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus de Caetité-BA.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, _____, fui informado/a sobre o que o/a pesquisador/a quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias originais, as quais serão assinadas por mim e pelo/a pesquisador/a, ficando uma via com cada um de nós.

Assinatura ou impressão datiloscópica do/da participante da pesquisa

Assinatura da Pesquisadora responsável

Data: ____ / ____ / ____

ANEXOS



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
 Autorização Decreto nº 9237/86. DOU 18/07/96. Reconhecimento: Portaria 909/95, DOU 01/08-95
 DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH
 CAMPUS VI - CAETITE/BA

DECLARAÇÃO DE INEXISTÊNCIA DE PLÁGIO

Eu, **Rute Macedo Pereira**, estudante do curso de Licenciatura/Bacharelado em História da UNEB, Campus VI, Caetité, declaro para os devidos fins, que o trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado **“Pela alma de João”: memória e atuação cultural na comunidade de Rapadura- Tanque Novo- BA**, é de minha autoria. Declaro ainda que os trechos e citações de terceiros presentes no texto estão devidamente referenciados conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), e que assumo inteira e total responsabilidade em caso de identificação de plágio, sujeitando-me às penas previstas no Código Penal Brasileiro.

Caetité, 30/01/2026.

Rute Macedo Pereira - 062050008

Nome do(a) Discente – Nº de Matrícula



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
 Autorização Decreto nº 9237/86, DOU 18/07/96. Reconhecimento: Portaria 909/95, DOU 01/08-95
 DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH
 CAMPUS VI - CAETITÉ/BA

DECLARAÇÃO DE (NÃO) USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Eu, Rute Macedo Pereira estudante do curso de Licenciatura em História, da UNEB Campus VI, Caetité, declaro para os devidos fins, que o trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado “Pela alma de João”: memória e atuação cultural na comunidade de Rapadura- Tanque Novo- BA, é de minha autoria.

Considerando que recursos de inteligência artificial não devem ser utilizados na escrita/produção da redação final do trabalho de conclusão de curso, declaro também que durante a produção do texto:

NÃO houve o uso de inteligência artificial

SIM, houve o uso de Inteligência artificial. (Neste caso, informe abaixo o uso que foi feito e quais recursos foram utilizados, sabendo que a IA não deve ser utilizada para escrita do texto)

A Inteligência artificial foi usada no texto para:

- revisão linguística do texto
- elaboração de imagens e gráficos
- tradução
- Outros (especificar) _____

Cite os recursos de IA que foram utilizados (ex: Chat GPT)

Caetité, 30/01/2026.

Rute Macedo Pereira - 062030008

Nome do(a) Discente – Nº de Matrícula